

**Os Manuais do Ensino Primário Elementar
e a Inculcação dos Valores do Estado Novo**

Aida Celeste Caetano Neto

**Dissertação de Mestrado em Ensino do Português
como Língua Segunda e Estrangeira**

Março, 2015

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Luís Manuel Bernardo

DEDICATÓRIA

Para Graciano Casquinha, meus pais e meus filhos
pelos bons momentos e amparo em horas menos fáceis.
Os meus agradecimentos repletos de carinho e reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Um sincero obrigado ao Professor Doutor Luís Manuel Bernardo pela oportunidade de me permitir levar a cabo este projeto sob a sua orientação científica. O seu apoio e os seus conhecimentos tornaram-se-me indispensáveis desde as suas aulas de Textualidade e Educação.

Urge igualmente agradecer a todos os professores que, de algum modo, intervieram neste desafio: Professora Doutora Maria do Rosário Pimentel, Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva, Professora Doutora Ana Maria Martinho, Professora Doutora Leonor Santa Bárbara e Professor Doutor João Nogueira.

Os Manuais do Ensino Primário Elementar e a Inculcação dos Valores do Estado Novo

RESUMO

Esta dissertação versa a inculcação dos valores do Estado Novo através dos manuais únicos do Ensino Primário Elementar. Pretende-se compreender que factos justificam a idolatria de livros concebidos por um regime político autoritário e que vigoraram, ininterrupta e simultaneamente para o ensino oficial e particular, durante quase três décadas. Partimos, inicialmente, de três hipóteses:

- 1) A adoração saudosista pelos manuais únicos prende-se com alguns dos valores que os mesmos pretendem veicular;
- 2) A conceção dos manuais (conteúdo e forma) desempenha um *papel* preponderante na adesão do leitor;
- 3) O livro de leitura tem um *papel* relevante durante o regime salazarista como promotor da socialização e da mobilidade social ascendente.

Para confirmação ou refutação das hipóteses, e tendo em conta a imparcialidade e o distanciamento que se exige a um trabalho científico, recorre-se, essencialmente, ao método da análise de conteúdo que consistiu na:

- ✓ observação do *corpus* textual constituído pelos textos de leitura dos três manuais do ensino primário obrigatório;
- ✓ elaboração de grelhas categoriais;
- ✓ comparação entre os resultados obtidos;
- ✓ confrontação com outros elementos passíveis de análise como a imagem.

Após uma breve introdução, sucede-se um enquadramento teórico e metodológico do tema e uma contextualização histórica. Apresenta-se o estudo de cada um dos manuais com base no método de análise de conteúdo. Passa-se a explicar atitudes e valores preconizados através dos mesmos e o modo como são veiculados no *corpus*. Por fim, relacionam-se os dados obtidos com os valores defendidos pela ideologia do regime e conclui-se pela confirmação das três hipóteses.

Palavras-chave: Estado Novo, valores, ideologia e inculcação

Primary Schoolbook and the Inculcation of the Values of “Estado Novo”

ABSTRACT

This dissertation is about the inculcation of the “Estado Novo” values through the unique schoolbook taught at Primary School. The aim is to understand which facts justify the worship a idolatry of these books conceived by an authoritarian political regime and which were in force uninterruptedly and simultaneously for public and private education, for nearly three decades. Our analysis is based on three possibilities:

- 1) The nostalgic worship for the unique schoolbook is related to some of the values that claimed to convey;
- 2) The design of the manual (content and form) plays an important role in the reader’s acceptance;
- 3) The schoolbook has an important role during the Salazar regime as a promoter of socialization and upward social mobility.

For confirmation or refutation of these hypothesis, and having in mind the impartiality and detachment required by scientific work, we will take up essentially the method of content analysis which consists of:

- ✓ observation of textual *corpus* by reading texts of the three schoolbooks of compulsory primary education;
- ✓ development of categorical grids;
- ✓ comparison between the obtained results ;
- ✓ confrontation with different elements which can be analyzed, such as, the image.

A brief introduction is followed by a theoretical and methodological framework for the topic and a historical context. We will present the study of each of the schoolbooks based on the content analysis method. We will then explain the attitudes and the proposed values and how they are conveyed in the *corpus*. Afterwards, we will relate the obtained data with the values defended by this regime and finally we will confirm the three possibilities mentioned above.

Keywords: “Estado Novo”, values, ideology and inculcation

Les Manuels de l'Enseignement Primaire Élémentaire et l'Inculcation des Valeurs de "Estado Novo"

RÉSUMÉ

Cette thèse est sur l'inculcation des valeurs de "Estado Novo" dans le manuel unique de l'Enseignement Primaire Élémentaire. L'objectif est de comprendre les faits qui justifient l'idolâtrie par des livres conçus par un régime politique autoritaire, lesquels ont été utilisés, sans interruption et en même temps pour l'enseignement public et privé, pendant près de trois décennies. Au début, on a mis trois hypothèses:

- 1) L'amour nostalgique envers le manuel unique s'attache à certaines des valeurs que celui-ci veut transmettre;
- 2) La conception de ces manuels (contenu et forme) joue un *rôle* important dans l'adhésion du lecteur;
- 3) Le livre a un *rôle* important pendant le régime de Salazar en tant que véhicule de la socialisation et de la mobilité social montante.

Pour confirmer ou infirmer les hypothèses, et n'oubliant pas l'impartialité et le détachement qu'il en faut à un travail scientifique, on utilise essentiellement la méthode d'analyse de contenu comprenant:

- ✓ l'observation du *corpus* textuel composé par les textes de lecture des trois manuels de l'enseignement primaire obligatoire;
- ✓ le développement des réseaux catégoriques;
- ✓ la comparaison des résultats obtenus;
- ✓ la confrontation avec d'autres preuves d'analyse tel que l'image.

Après une brève introduction, on présente un cadre théorique et méthodologique pour le sujet et un contexte historique. On montre l'étude de chaque manuel unique à l'appui de la méthode de l'analyse de contenu. On commence par exposer des attitudes et des valeurs y recommandées bien que la méthode comment celles-ci sont véhiculées dans le *corpus*. On compare les données obtenues avec les valeurs défendues par l'idéologie du régime et on conclut par la confirmation des trois cas énumérés.

Mots-clés: "Estado Novo", valeurs, idéologie et inculcation

ÍNDICE

	Página
1. Introdução	1
2. Enquadramento teórico e metodológico	3
3. Contextualização histórica	8
3.1. A escola no Estado Novo	8
3.2. A criança no seio familiar	9
3.3. A formação da criança	11
3.4. Inculcação de valores	12
4. Os manuais únicos	14
4.1. Apresentação dos manuais: estrutura externa e interna	14
4.1.1. <i>O Livro da Primeira Classe</i>	15
4.1.1.1. Primeira Parte: As primeiras letras	17
4.1.1.2. Segunda Parte: <i>Corpus</i> textual	19
4.1.1.3. Terceira Parte: A religião	21
4.1.1.4. Quarta Parte: A aritmética	23
4.1.2. <i>O Livro da Segunda Classe</i>	24
4.1.2.1. Primeira Parte: <i>Corpus</i> textual	24
4.1.2.2. Segunda Parte: Doutrina Cristã	30
4.1.2.3. Terceira Parte: A aritmética	30
4.1.3. <i>Livro de Leitura da Terceira Classe</i>	31
4.1.3.1. Primeira Parte: <i>Corpus</i> textual	32
4.1.3.2. Segunda Parte: Doutrina Cristã	45
5. Valores positivados e sua fixação	45
6. Conclusão	54
7. Bibliografia	57
Anexos	62

1. Introdução

A paixão pelos manuais únicos adotados para o ensino primário elementar durante o regime salazarista, demonstrada por muitos dos que com eles contataram mais diretamente, esteve na origem da escolha do tema deste trabalho. Moveu-nos a tentativa de compreender o fenómeno que faz com que, nos dias de hoje, após quarenta anos do golpe de estado que derrubou o Estado Novo, o ódio pela figura de Salazar, que ainda não desapareceu do coração de muitos portugueses, contraste com uma adoração saudosista manifestada em relação a estes livros.

Sendo a escola um dos locais privilegiados para a transmissão de valores, esta instituição não poderia ter sido descurada durante o longo período em que Salazar foi Presidente do Conselho de Ministros. Aliás, desde muito novo que António de Oliveira Salazar dedica especial atenção à leitura e à escrita revelando especial inclinação pela educação e pelas finanças.

Fomos guiados pela curiosidade de perceber o *papel* dos manuais únicos na difusão da ideologia salazarista, nos quais este estadista terá centrado uma atenção especial, e se o seu poder se sobrepõe ao do professor de então, na medida em que ambos serviram a “inculcação ideológica autoritária”¹ dos valores transmitidos pelo Estado Novo. Para tal, tornou-se imperativo proceder a uma análise comparativa dos manuais dos três primeiros anos de escolaridade: *O Livro da Primeira Classe*, *O Livro da Segunda Classe* e o *Livro de Leitura da 3.ª Classe*. A nossa análise teve em conta aspetos inerentes à estrutura, externa e interna, à ilustração e, particularmente, ao *corpus* de textos para aprendizagem da leitura. Desta forma, acreditamos ter conseguido identificar e enumerar os principais valores que o regime então vigente pretendia “inculcar” na criança bem como compreender a forma como os mesmos eram veiculados.

Limitados no tempo, resolvemos centralizar o nosso estudo essencialmente no *corpus* textual dos manuais dos três anos de escolaridade obrigatória à época, mais conhecidos pelos livros únicos. Não descurámos, no entanto, uma breve apresentação de cada um, tendo em conta a coesão única de uma obra e porque, estruturalmente, não apresentam grandes divergências.

¹ROSAS, F. (2001). “O Salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo”, in *Análise Social*. Vol. XXXV (157). pp. 1041.

Com o objetivo de desenvolver as questões enunciadas, organizámos este trabalho em seis partes. Na segunda parte, que se sucede a esta breve introdução, procedemos ao enquadramento teórico e metodológico do tema. A terceira parte integra uma contextualização histórica. Nela abordámos a instituição escolar e alguns dos problemas do ensino durante a ditadura salazarista; a criança no seio familiar, a formação psicológica da criança e os valores que se lhe pretendia inculcar. A quarta parte é dedicada à apresentação do estudo dos três manuais únicos que nos propusemos estudar procurando analisar aspetos inerentes à sua estrutura, externa e interna. Com base essencialmente no método de análise de conteúdo, dedicámos uma quinta parte à explanação das atitudes e comportamentos reiterados através dos manuais e ao modo como foram veiculados. Convictos da importância de cada uma das partes que compõem estas “obras” na constituição de um todo ao serviço da ideologia do Estado Novo, não quisemos deixar de as analisar embora centrássemos o nosso estudo no *corpus* textual onde, quanto a nós, está o cerne da compreensão da estratégia utilizada na transmissão de valores. Por fim, procurámos explicitar a influência ideológica do regime exercida através do *corpus* textual dos manuais relacionando os valores inculcados com a atitude saudosista que aflora a grande maioria dos que aprenderam a ler através dos mesmos.

Na atualidade, em que tanto se fala sobre a falta de valores na nossa sociedade, acreditamos na pertinência do estudo desta problemática. Enquanto pais, professores e cidadãos, cujo dever é encontrar alternativas para a formação de jovens íntegros e autónomos, fomos levados a refletir sobre a inculcação de alguns dos ideais salazaristas. Torna-se, de igual modo, premente questionar a necessidade de imposição de regras e de posicionamento face aos valores uma vez que as palavras adestrar, (do latim *addextrare*), e disciplinar, (do latim *disciplina*), não deixam de ser sinónimos de educar (do latim *educare*, criar, ter cuidado com, educar, instruir, ensinar).

Como palavras-chave do nosso trabalho destacamos Estado Novo, valores, ideologias e inculcação.

2. Enquadramento teórico e metodológico

Estado Novo é maioritariamente definido como o nome de um regime político autoritário, autocrata e corporativista de estado que vigorou em Portugal desde a aprovação da Constituição de 1933 até à Revolução do 25 de abril de 1974, embora alguns o façam preceder ao golpe militar de 1926. Esta designação é adotada pelo próprio Salazar que conservou, no entanto, a forma de governo republicana. Criada essencialmente por razões ideológicas e propagandísticas, pretende assinalar o início de um novo período político que se inicia com a Revolução de 28 de maio de 1926. Estado Novo associa-se a uma conceção presidencialista, autoritária e antiparlamentar do estado.

Salazar assume pela primeira vez o cargo de Ministro das Finanças em 1928 e vem a distinguir-se nessa função como a figura preponderante do governo da Ditadura Militar. Tal facto, fá-lo ascender à Presidência do Conselho de Ministros em julho de 1932 onde permaneceu em funções até 1968.

Enquanto regime político, o Estado Novo surge associado a salazarismo pelo facto de se ter centrado na figura do seu “Chefe”, Salazar, que lhe imbuíu o seu estilo próprio de governação.

A designação de Estado Novo irá abranger também o período que medeia 1968 e 1974, em que Marcelo Caetano assume o poder bem como a continuidade de algumas das políticas anteriores.

Têm sido atribuídas ao Estado Novo influências de Maurras, do integralismo lusitano e da doutrina social da Igreja, assim como de certos aspetos do fascismo italiano, nomeadamente o Partido Único e o Corporativismo de Estado.

Criada pelo filósofo e lógico francês Destutt de Tracy (1754-1836), a palavra *ideologia* começa por designar a ciência que tem por objeto o estudo das *ideias* no sentido geral de factos de consciência; dos seus caracteres, das suas leis, da sua relação com os sinais que a representa, e sobretudo da sua origem, independentemente de qualquer consideração metafísica. De *Ideologia* formou-se, com intenção malévola e agressiva, *ideólogo*, assim empregado por Napoleão e Chateaubriand. A escola dos ideólogos exerceu enorme influência no final do século XVIII e princípio do XIX. Recentemente, tem-se dado o nome de *ideologia* de um

partido político, de uma seita, de um grupo doutrinário, ao sistema adotado pelo mesmo e por ele preconizado.

Para Karl Marx, a ideologia (enquanto falsa consciência) gera a inversão ou a camuflagem da realidade, para os ideais ou interesses da classe dominante.

Posteriormente, a temática da ideologia foi abordada por outros pensadores, alguns dos quais passam a conotá-la como sinónimo de “visão do mundo”. É o caso de Karl Mannheim, Louis Althusser² e Paul Ricoeur, entre outros. No seu ensaio *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, Althusser² estabelece o conceito de ideologia que, segundo ele, deriva do inconsciente e da fase do espelho e descreve as estruturas e sistemas que permitem um conceito significativo do eu. Para ele, estas estruturas são agentes de repressão perante os quais é impossível não ser subjugado. Com esta teoria, o filósofo francês constrói uma visão monolítica da organização social onde tudo é planeado e decidido pelo Estado. Althusser distingue “aparelho repressivo” de Estado (1974: 31), que age através da violência para garantir a dominação de classe, dos *aparelhos ideológicos de Estado*, que o fazem “pela ideologia” (1974: 46). A ideologia materializa-se através dos chamados aparelhos ideológicos de Estado (AIE), de que fazem parte instituições como a igreja, a família, a escola, entre outras.

Assim, podem existir ideologias políticas, religiosas, económicas, jurídicas. A ideologia não é uma ciência porque não tem como fundamento uma metodologia científica capaz de comprovar as suas ideias. O grupo defensor de uma ideologia tenta frequentemente convencer os outros a segui-la, facto que pode levar a confrontos ideológicos e, conseqüentemente, ideologias dominantes (hegemónicas) e dominadas (subordinadas). Desta forma, o Estado é o reflexo da “classe dominante”. É através dele que as elites asseguram o domínio sobre a classe operária e a “sujeição à ideologia dominante”, Althusser (1974: 22).

Ao longo do nosso trabalho, utilizaremos o conceito de ideologia de acordo com este autor mas não descuramos a teoria de Ricoeur, de que a conexão entre a ideologia e a realidade destaca uma interdependência entre elas. Para este último autor, a ideologia deve ser vista sob três instâncias: a função geral, a função de dominação e a função de deformação, (1991b: 81-83). Segundo ele, a primeira

²ALTHUSSER, L. (1974). *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Lisboa: Editorial Presença.

função serve de mediadora na integração do indivíduo na sociedade; a segunda relaciona-se com a produção de crenças legitimadoras da dominação; a última associa o fenómeno ideológico como o que torna a imagem pelo real, o reflexo pelo original, o mesmo é dizer, a deturpação da realidade com o objetivo de manipular os dominados. Desta forma, a constituição de um grupo social é um ato político que só é possível graças à capacidade de representação pelo grupo de si mesmo, ou seja, através da ideologia. A adesão a ideias que são um património comum leva a um fortalecimento do elo de ligação entre os sujeitos bem como à vontade de preservação dos valores e da cultura tal como se apresentam. Isto pode fazer perigar a aceitação de novas ideias ou de ideias contrárias. Se, por um lado, o conhecimento deste condicionamento ideológico ajuda a ver o mundo, não se pode, por outro, romper completamente com a cultura de pertença e com os seus valores dominantes.

Relativamente à política salazarista reconhecem-se-lhe como primeiros ideais o nacionalismo (independência e defesa acérrima da pátria), o corporativismo (sistema político ou económico no qual o poder legislativo é atribuído a corporações que representam grupos económicos, industriais ou profissionais), o protecionismo (tendo em vista a proteção dos produtos portugueses evitando a importação) e o colonialismo (que defendia que Portugal não tinha colónias mas províncias ultramarinas).

Através deste nosso trabalho, procuraremos demonstrar que o regime salazarista defende uma política educativa em defesa dos seus ideais, ao serviço da qual utiliza os manuais em análise e, em particular, o seu *corpus* textual.

Detentor de uma ideologia que não descarta a educação ou, mais precisamente, se serve dela, o regime salazarista vai selecionar os valores pretendidos para “o homem novo” que se intenta criar.

Ao efetuar um estudo etimológico do termo valor, Machado, (1977: 374,375), verificamos que o mesmo vem do étimo latino *valeo* (“ser forte; ter determinada virtude; ter o poder”) e começa por designar a “coragem” e a “valentia”. Por extensão, passa depois a significar a “importância” de alguém ou de algo, que lhe imbuí um valor económico a partir do século XVIII. A partir do século XIX, o plural da palavra designa “tudo quanto é dado como estimável, desejável ou deleitável: os múltiplos objetos dos nossos juízos de apreciação, mas, também, as normas desses julgamentos (o verdadeiro, o bom, o belo...).” Hoje, aparece-nos como sinónimo de

importância, merecimento, valentia, coragem, talento, mérito, entre muitos outros. Valor é atualmente tudo o que tem préstimo ou é importante e abrange conceitos concretos mas também abstratos. De igual modo, e à semelhança do que a moda tem de mutável e passageiro, o valor é, frequentemente, determinado por gostos pessoais ou da maioria dos membros de determinada sociedade. Assim, não existem valores *per se*; aquilo que vale deve valer para um sujeito, referir-se a um ponto de vista, a uma perspetiva, para poder constituir-se como valor.

Os valores estão presentes em todos os lugares e em todos os momentos uma vez que o ser humano avalia constantemente, positiva ou negativamente, tudo o que o rodeia: pessoas, objetos, situações. O homem não pode, contudo, aceder a um ponto de vista totalmente imparcial uma vez que a sua visão do mundo é, necessariamente, mediada pela cultura em que cresce, pelos seus valores, pelas crenças em que vive e pelas opções tomadas ao longo da vida. Pelo exposto, se comprova a existência de valores sociais e políticos, mais ou menos consensuais, apesar do relativismo que lhes assiste.

Constatando que a ideologia salazarista, defende “virtudes” que aspira preservar e veicular, tentaremos fazer “falar” o nosso *corpus* sobre o que valia a pena preservar e veicular nessa sociedade, independentemente de qualquer “juízo de valor”, bem como o processo utilizado para o conseguir.

Na realização deste trabalho, e quanto à metodologia, começámos por procurar munir-nos dos conhecimentos teóricos necessários à compreensão do período histórico durante o qual os manuais em estudo estiveram em vigor. A pesquisa, que se empreendeu imediatamente após a escolha do tema, diversificou-se entre a internet, o prelo e algumas bibliotecas. Temos, no entanto, de reconhecer que o livro impresso se nos mostrou muito mais proveitoso.

Procurando a imparcialidade e o afastamento que se pretende de um trabalho científico, diversificámos o mais possível os autores lidos. Acreditando ter já decorrido o tempo necessário a uma análise histórica minimamente correta dos factos passados, lemos autores atuais como Fernando Rosas, Irene Flunser Pimentel e Adélia Carvalho Mineiro, entre outros. Não deixámos, contudo, de comparar com o que foi escrito pelos contemporâneos de Salazar para melhor compreender os acontecimentos à luz da época em que os mesmos sucederam. Não podemos deixar de salientar também a importância do primeiro volume da obra escrita por Alberto

Franco Nogueira³ para a compreensão do pensamento do estadista que governou Portugal durante trinta e seis anos consecutivos. O ingresso no Ministério dos Negócios Estrangeiros, em 1941, e posterior carreira diplomática permitiu que, em 1977, aquele historiador iniciasse uma biografia, em seis volumes e de forma realista, da vida e obra de Salazar ao mesmo tempo que expunha a situação política do país entre 1889 e 1970.

Paralelamente, fomos observando detalhadamente os três manuais: *O Livro da Primeira Classe*, *O Livro da Segunda Classe* e o *Livro de Leitura da 3.ª Classe*. Procedemos a uma análise minuciosa dos textos de leitura não descurando todos os elementos paratextuais, particularmente as imagens e a estrutura do manual. Diríamos mesmo que a maioria destes elementos ilustra as intenções e o objetivo que se pretendia atingir.

Para a materialização desta tarefa, recorremos ao método da análise de conteúdo por ser um instrumento credível e que facilita o tratamento da informação. Só desta forma foi viável trabalhar um total de duzentos e vinte e um textos de leitura que constituem o nosso *corpus*.

Este método tornar-se-á crucial por permitir capturar, através de padrões e de frequências, um sentido para um grande número de textos que integram os manuais ao mesmo tempo que exponencia a retórica subjacente aos discursos. Na primeira fase deste método, a pré-análise, a escolha, *a priori*, do tema da tese e a sua abrangência dificultaram-nos a seleção dos documentos a serem submetidos à análise. Contudo, por questões de representatividade, homogeneidade e exaustividade, decidimo-nos pela análise dos três livros de leitura conscientes da extensão do *corpus* textual e receando o pouco tempo disponível.

Na fase em que se prevê proceder à elaboração de índices e indicadores que sejam “*significativos (“falantes”) e válidos*”, Bardin, (2014: 127), utilizámos as palavras como índices dos textos, o que significa que vamos encontrar como indicador a sua frequência. O uso das palavras como índice, só possível com recurso a sistemas informáticos, deve-se ao facto de pretendermos a confirmação ou infirmação de que a sua frequência estava diretamente relacionada com uma ideologia baseada na trilogia “Deus, Pátria, Família”.

³NOGUEIRA, Franco (2000b). *Salazar I – A mocidade e os princípios (1889-1928)*. (3.ª ed.). Porto: Livraria Civilização Editora.

Escolhidos os índices e estabelecidos os indicadores, procedemos à exploração do material e ao tratamento e interpretação dos resultados obtidos, a que Bardin, (2014: 126), chama operações de codificação, com o recurso ao computador. Procurando relacionar o conteúdo das leituras feitas sobre a política educativa durante o regime salazarista com o nosso *corpus*, definimos palavras-chave e confirmámos a sua coocorrência em determinado contexto. Cruzámos, posteriormente, esta informação com a análise de algumas categorias de palavras.

Na procura de maior objetividade e rigor científico, e considerando cada manual como uma obra una, recorreremos ainda a alguns conhecimentos inerentes à análise da imagem. Atentámos nas imagens, analisámos a sua frequência e relacionámo-las com as palavras-chave e com os temas igualmente recorrentes. Tentámos, por fim, perceber quais os valores sublimados pela ideologia salazarista e qual a forma como eram veiculados para a mente infantil através do *corpus* textual ou da reiteração imagética.

3. Contextualização histórica

3.1. A escola no Estado Novo

Nós não compreenderíamos – nós não poderíamos admitir – que a escola, divorciada da Nação, não estivesse ao serviço da Nação, e não compreendesse o altíssimo papel que lhe cabe nesta hora de ressurgimento, na investigação e no ensino, a educar os Portugueses para bem compreenderem e bem saberem trabalhar.

Discursos, volume I, (1934: 307)

Durante a primeira República, os diversos governos fizeram importantes reformas no ensino, entre as quais se destacam a criação do ensino infantil dos quatro aos sete anos, o ensino primário obrigatório e gratuito para as crianças entre os sete e os dez anos, a criação de novas escolas do ensino primário e técnico, a criação de “escolas normais” destinadas a formar professores primários e a existência de “escolas móveis” para o ensino de adultos.

A crise económica que se sucede conduz a alguns retrocessos no âmbito da educação durante a Ditadura Militar instaurada em 1926.

Nos primeiros anos do Estado Novo, que se associam à promulgação da Constituição em 1933, “o ensino primário elementar, tanto oficial como particular,

será ministrado em regime de separação de sexos”⁴. O horário escolar era das nove às dezassete horas e o único recreio era à hora do almoço. Na cantina da escola, ao almoço, só davam sopa e pão.

Convém referir que, nas décadas de quarenta e cinquenta do século XX, a rede escolar do ensino primário assim como o número de docentes volta a aumentar muito em Portugal. Em 1956 a escolaridade obrigatória, até então só até à terceira classe e entregue essencialmente a Regentes Escolares, passa para quatro anos para os rapazes⁵ e em 1960 é alargada também ao sexo feminino⁶.

Inicialmente, o Estado Novo decidiu-se pela utilização dos manuais escolares adotados durante a República. Após alguma controvérsia, optou pelo livro único cuja aquisição permitia uniformização na interpretação dos programas e na forma de lecionar os conteúdos bem como custos mais reduzidos.

Durante o ano de 1932, o *Diário do Governo* publica textos e pensamentos que integrarão os livros de leitura a adotar.

O Livro da Primeira Classe, editado pelo Ministério da Educação Nacional, é adotado oficialmente em 1941, o *Livro da Segunda Classe* vem a ser publicado em 1944 e o da Terceira em 1951. A sua permanência como manuais escolares únicos ao longo de 26, 28 e 22 anos, respetivamente, vai fazer deles instrumentos privilegiados de “formar cidadãos obedientes e conformados” conformes aos ideais do “homem novo”. Uma vez que o método para ensinar a ler estava ao critério do professor, o tipo e a natureza das relações que os alunos estabeleceram com estes manuais vão ser decisivos para a formação da sua personalidade e identidade pessoal.

3.2. A criança no seio familiar

Não discutimos a Família, afirma Salazar.

Discursos (1945: 134)

Nas primeiras décadas do Estado Novo, o sustento do lar está praticamente reservado ao marido uma vez que o trabalho da mulher fora do lar lhe traz conotações negativas. O papel da mulher é zelar pela organização e asseio do lar e

⁴ Decreto-lei n.º 27279, de 24 de novembro de 1938.

⁵ Decreto-lei n.º 40964, de 31 de dezembro de 1956.

⁶ Decreto-lei n.º 42994, de 28 de março de 1960.

cuidar dos filhos. Deste modo, a autoridade capital centra-se no chefe de família, a quem a mulher e os filhos devem obediência. Numa época de poucos recursos económicos e em que os métodos contraceptivos estavam pouco divulgados, as famílias eram, geralmente, muito numerosas.

A idade e o sexo marcavam a ordem hierárquica no seio familiar. À mulher estava reservado um papel subalterno relativamente ao marido; aos filhos, que eram como que “propriedade” dos pais, cabia respeitar os mais velhos. A hierarquização era uma constante à sociedade da época.

Sendo a família, tal como a escola, um dos lugares privilegiados para a transmissão dos valores morais, era através dela que se começava a “moldar” o comportamento da criança. A tradição defendia valores morais como a autoridade, o respeito, a honra, o pudor da mulher, o trabalho e o amor à Pátria, entre outros. A garantia do equilíbrio social, da ordem e da autoridade apoiava-se, grandemente, na consistência e coesão da família e no “*regresso à indissolubilidade do casamento católico*”⁷.

Pelo exposto, vimos que a criança é o elemento mais fraco da hierarquia social do Estado Novo. Nesta época, este pequeno ser não tem quaisquer direitos e pouco difere de um “objeto” no seio de muitas famílias. Necessitando da proteção familiar, da qual depende em grande parte, a criança é, desde cedo, ensinada a obedecer. Está-lhe reservado um dos lugares mais rudimentares da hierarquia social, cabendo-lhe a obediência e a submissão face a todos os seus superiores. A violência física é geralmente bem aceite como forma de disciplinar os filhos ou mesmo a mulher. À época, muito dificilmente se reconheceria o direito de algum dos diversos organismos sociais interferir nessa “educação” que se imputava à família. A cadeia familiar estava hierarquicamente organizada para disciplinar.

Numa época em que a maioria das famílias luta pela sobrevivência diária, toda a ajuda prestada pelas crianças dentro e/ou fora de casa é bem recebida pela sociedade. As necessidades económicas fazem com que muitos pais ponham as filhas de tenra idade “a servir” em casas de família e os filhos ajudem, desde muito novos, nos trabalhos do campo ou em atividades de outra natureza então destinadas ao sexo “forte”. Em qualquer lar onde “o pão” escasseava era comum assistir-se à “troca de

⁷ ROSAS, Fernando (2013). *Salazar e o poder, a arte de saber durar*. Lisboa: Tinta da China. pp. 258

favores” deste tipo simplesmente por “comida, cama e roupa lavada” ou uns míseros “trocados”.

Como é evidente, isto inviabilizou que um número elevado de crianças frequentasse a instituição escolar. Muitas delas nunca irão aprender a ler ou fá-lo-ão apenas em adultas.

3.3. Formação da criança

“...não me julgo mau professor. Gosto de ensinar. Tudo que diz respeito à instrução e à educação sempre me interessou. Sobretudo a educação. Desde muito novo que estou convencido da necessidade de se lhe atribuir um papel preponderante em toda a reforma social verdadeiramente digna desse nome.”

(Garnier, 1952: 105)

A criança começa a ser “formatada” pela cultura em que nasce desde esse momento. Assim, a sua relação com os outros vai contribuir para a formação do seu carácter e a família e a escola têm um papel preponderante.

Porque estamos de acordo com Althusser, (1974: 49), quando afirma que *“nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente a sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos de Estado”*, acreditamos que a família e a escola foram instrumentalizadas pela ditadura salazarista com o objetivo de padronizar regras da moral e dos bons costumes. Uma outra instituição de estado que serviu a ideologia dominante durante o Estado Novo terá sido a Igreja Católica.

À trilogia “Deus, Pátria, Família”, que está na base da ideologia do “homem novo” instaurada pelo Estado Novo, são essenciais aparelhos ideológicos de estado como a Igreja, a Família e a Escola. A forma como estas instituições se relacionam entre si assegura os objetivos da mesma. Todas estas instituições “educam” a criança através de métodos nem sempre pacíficos.

A criança, que era considerada propriedade dos pais, vive, neste período, entre os ensinamentos familiares, do catequista e/ou do professor. Enquanto as crianças da classe média e abastada frequentam a escola ou têm lições particulares, os filhos dos pobres são, muitas vezes, uma preciosa ajuda para o rendimento económico da família. Há, assim, muitas crianças que não vão à escola para

proverem o seu contributo no sustento familiar. Isso não constituirá problema uma vez que existem ainda duas instituições, a família e a igreja, para incutir na criança a “consciência profissional”, “moral”, “cívica” e “nacional”.

Convém aqui referir que Salazar provinha de uma família humilde e tinha singrado socialmente devido aos estudos feitos. A frequência do Seminário terá tido um papel decisivo nesta mobilidade social ascensional. Numa época de grande instabilidade e crise económica, os seus conhecimentos na área das finanças e o apoio do Centro Católico tornam-no conhecido e permitir-lhe-ão aceder à política.

O seu percurso e muitas das leituras que sabemos ter efetuado estarão na origem da trilogia que domina o Estado Novo: “Deus, Pátria, Família”. A ideologia deste ditador centra-se na formação do “homem novo” consciente dos ganhos que existem em dirigir para a criança o objetivo principal.

A formação católica de Salazar, associada ao seu espírito doutrinador e nacionalista, tê-lo-á provavelmente convencido da sua missão de “salvador da Pátria”. Podemos observar que muitas das teorias defendidas por este estadista começam a delinear-se desde muito cedo. Nas *Conferências* de 1909⁸ já ele se pronunciava sobre a educação, um dos seus temas preferidos, e gizava a sua ideologia: “*E nós não temos homens; e não temos homens, porque os não formamos, porque não nos importaram nunca métodos de educação*”. No combate político e ideológico, travado sobretudo a partir de 1921, contra a Primeira República transparecem o combate à “desordem” e a vontade de “disciplinar”.

3.4. Inculcação de valores

“queremos... que a família e a escola imprimam nas almas em formação, de modo que não mais se apaguem, aqueles altos e nobres sentimentos que distinguem a nossa civilização (...)”

(Discursos, II, 1945: 309)

A formação religiosa de Salazar e as leituras que se sabe ter feito⁹ ter-lhe-ão incutido um patriotismo exacerbado para além de todos os valores próprios a uma filosofia cristã. Paralelamente, sempre revelou uma predileção pela educação. Desde

⁸ SILVA, Paulo Neves (org.) (2013). *Citações de Salazar*. Lisboa: Casa das Letras. pp. 167.

⁹ Entre as quais se destaca: Leibniz, Gustave Le Bon, Maurice Barrès, Charles Maurras e Pio X.

muito novo que se pronuncia sobre o seu tema favorito. Ainda no Colégio da Via Sacra, e segundo Gomes, (1953: 9), “*dedica-se ao estudo dos processos de ensino, pondo em confronto a diferença fundamental entre o instruir e o educar. Para ele, já então o ensino tinha essas duas componentes complementares e inseparáveis*”.

Nos seus *Discursos*, em entrevista, a António Ferro e Christine Garnier, ou sempre que tem oportunidade na Imprensa, Salazar não deixa de se pronunciar sobre o que pensa do tema. Assim, parece-nos natural que, consciente de que a escola era o local privilegiado para a “*inculcação*” dos valores que defendia, se tenha preocupado com o ensino da leitura em simultâneo com a moralização e transmissão dos valores patrióticos tradicionais.

Aparenta-se-nos o momento certo para discorrer sobre o étimo inculcação tão comumente designado como o método de transmissão de conhecimento utilizado durante o Estado Novo. Ora, esta palavra tem origem no termo latino *incolco*¹⁰ cuja conotação é maioritariamente pejorativa. Significava, então, amontoar com o pé, calcar; fazer entrar à força; fazer entrar no espírito, gravar, persuadir. Com o tempo adquire também os significados de “*dar conselho, preconizar, promover, incutir, fazer ver, indicar, dar a conhecer, revelar, anunciar e impingir, entre outros*”¹¹.

Sabendo que os valores influenciam o comportamento das pessoas e funcionam como critérios para avaliar a ação dos outros, eles estão frequentemente ligados às normas e às sanções de uma cultura. Entendendo-se por valor moral tudo o que leve o homem a defender-se e crescer na sua dignidade, os valores que cada um defende devem aproximar-se dos preconizados pela sociedade em que vive sob o risco de se sentir incompreendido ou marginalizado.

A defesa de valores humanos, éticos ou morais tem sido uma constante preocupação social. A recorrência com que Salazar fala de “*princípios morais*”, “*transformação da mentalidade geral*” nos seus *Discursos* leva-nos a crer que a sua maior ambição enquanto ditador era levar a cabo a “*Grande obra*” de “*formar uma alma! Extraordinária obra é formar um carácter, um indivíduo – um corpo, uma inteligência e uma vontade -, como os precisa para ser grande este pobre País de Portugal!*”, projetada desde as *Conferências* de 1909.

¹⁰ TORRINHA, Francisco (1942). *Dicionário Latino Português*. Porto: Porto Editora. pp. 412.

¹¹ AA.VV. (1987). *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Editorial Enciclopédia. Vol. 13. pp. 656.

Aceitando por “inculcação” ensinar e fomentar com empenho a prática de valores, atitudes, ideais ou comportamentos desejáveis, manifestar com repetida insistência algo, para que se quede na memória de alguém, poderá corresponder exatamente àquilo a que Salazar chama “*formação da mentalidade geral*”. Mas como conseguíamos viver sem valores? E, se acreditamos em alguns deles, porque não defendê-los?

4. Os manuais únicos

4.1. Apresentação dos manuais

Contrariamente à maioria dos manuais que os precedem, os manuais únicos mostram-se destituídos de autoria. *O Livro da Primeira Classe* esteve em vigor desde 1941, o da *Segunda Classe* desde 1944 e o da *Terceira Classe* desde 1951. Vigoraram até 1967, 1972 e 1973, datas em que foram respetivamente remodelados por razões de adaptação aos novos Programas.

Acreditamos ter mediado um longo período desde a sua idealização à concretização prática. Em anexo ao Decreto n.º 21014, de 21 de março de 1932, quando era ministro da Instrução Cordeiro Ramos, podemos ver um conjunto de “máximas” que se pretendia ver inseridas nos livros de leitura aprovados oficialmente. Em 1937, foi aberto concurso público, a escritores portugueses, para a elaboração do livro único do ensino primário elementar.

Em todas as edições, irão apresentar-se encadernados e com uma capa e contracapa em cartão rijo, como se exige a um manual escolar único que se pretende duradouro num período economicamente frágil para a maioria das famílias portuguesas.

Assim, não são raros os casos em que eles servem mais do que um utilizador e mesmo diferentes famílias e gerações. Estranho é encontrar-se um que não tenha servido várias crianças numa época em que nada se podia desperdiçar e em que até os géneros alimentícios e o vestuário eram reaproveitados. O preço em 1958, ano de que são os nossos três manuais analisados, é de 14\$00 para os da primeira e segunda classes e de 18\$00 para o da terceira. Este facto justificava também a sua reutilização uma vez que, pelo que lemos de António Gervásio, “*em 1960, o salário médio de um assalariado agrícola rondava os 25\$00 a 30\$00 para o homem e os 13\$00 a 17\$00*”

para a mulher”¹². Também em Pimentel, (2011: 68), é referido que “o salário mínimo de um operário especializado, entre 1943 e 1945, não chegava a 20\$00 e a maioria dos operários ganhava de 10 a 15\$00, enquanto as operárias auferiam metade desse valor”.

4.1.1. O Livro da Primeira Classe

Na capa de *O Livro da Primeira Classe*, um dos elementos paratextuais que parece ter merecido uma atenção particular dos autores, podemos observar exclusivamente o título do manual e a imagem de uma criança do sexo masculino com o braço sobre uma outra do sexo feminino. Observam com um ar atento um livro que ambas seguram. Os quadrados, sobre os quais o livro e outro material para aprender a contar se apresentam, sugerem tratar-se de uma toalha sobre uma mesa de cozinha. O interesse e a tranquilidade das crianças são realçados pelo caixilho que rodeia a imagem circular que, por sua vez, se integra num outro à volta de toda a capa para destacar igualmente o título do manual.

Na contracapa encontramos apenas o preço do manual e o local de impressão. As guardas iniciais, ou seja, o verso da capa e a página que se lhe sucede, não numeradas nem contabilizadas, apresentam diversas imagens que parecem ter sido cuidadosamente escolhidas para sugerir a imagem ideal da criança do sexo feminino. Na primeira destas duas páginas veem-se nove jovens desempenhando atividades como passar a roupa a ferro, lavar o chão de joelhos, lavar roupa à mão, corte e costura, tricotar, escovar a roupa e os sapatos, e dar biberão a um boneco deitado num berço com rodas; ilustram ainda esta página duas peças de roupa feminina e um lenço no estendal, uma mesa de suporte à tarefa de costurar e os respetivos utensílios. Na página seguinte podem ver-se outras seis jovens também do sexo feminino. Duas delas estão a cozinhar e preparar alimentos, e as restantes a lavar o chão de joelhos, a pôr a mesa, a regar as flores e a passear um bebé que se encontra dentro de um carrinho.

Porque consideramos que o vestuário é um dos aspetos tidos em conta aquando da elaboração do manual, destacamos que nove das meninas usam avental e

¹² Segundo refere António Gervásio, Membro do Comité Central do PCP, in <http://www.pcp.pt/publica/militant/259/p43.html>

que as que têm o cabelo mais comprido o usam apanhado ou com laço. As meias até ao joelho revelam-se também frequentes. À exceção de duas, a que está a cozinhar e a que passeia o bebé, todas as crianças usam manga curta.

Em todas aquelas que é possível observar a expressão facial, transparece felicidade e tranquilidade. Se excetuarmos a imagem da menina que dá biberão a um boneco e da que põe a mesa, à qual estão sentados um urso e uma boneca, todas as restantes imagens poderiam exemplificar tarefas domésticas do quotidiano.

Por oposição, no verso da contracapa e na página que a antecede são apresentadas quinze crianças do sexo masculino desempenhando atividades de carpintaria e agrícolas, como apanhar fruta, cuidar do pomar ou do jardim, em simultâneo com outras de lazer como a pesca, a música e a pintura.

O enaltecimento destas tarefas, maioritariamente de ajuda doméstica, demonstra a valorização do trabalho físico desde os primeiros anos de vida e diferencia o que se pretende de cada um dos sexos. Enquanto o asseio e organização do lar estão destinados ao sexo feminino, traça-se já para os rapazes atividades exteriores ao ambiente doméstico, anexo 27. Pelo que vemos, não se apresentava como preocupação da época que as crianças manejassem tesouras, tachos, ou ferramentas como sachos, forquilhas, martelos, serras ou mesmo escopros.

A atribuição do número um coube à página na qual consta, respetivamente de cima para baixo, o selo da república, a denominação do Ministério da Educação Nacional, o número de impressão e a referência ao nível de ensino, Primário Elementar. O título do livro sobrevém em maiúsculas a meio da página seguido pela edição dentro de parênteses, pelo ano da mesma, por uma assinatura e pelo nome da editora e respetiva morada. Não tendo tido o prazer de encontrar uma primeira edição, coube-nos analisar uma oitava, de 1958, com o número 101475.

Após uma página em branco, ocorre, na página três, uma imagem da bandeira portuguesa sobreposta à de D. João I (Mestre de Avis). O colorido vivo das duas bandeiras contrasta com a falta de cor das imagens anteriormente referidas.

Abordados os elementos paratextuais, distinguimos quatro partes distintas neste manual de 144 páginas: uma primeira parte que consideramos ser de motivação à aprendizagem da leitura e da escrita onde a grafia manuscrita convive com a de imprensa e onde abundam as ilustrações; uma segunda parte quase exclusivamente

composta por textos; uma terceira parte que intitularíamos de religião moral; uma quarta e última parte dedicada à aprendizagem da aritmética.

4.1.1.1. Primeira Parte: As primeiras letras

Sem a existência de um índice, a página quatro implanta de imediato o que consideramos ser a primeira parte do manual; aqui se apresentam as vogais minúsculas (caracteres manuscritos e de imprensa) associadas, cada uma delas, a uma imagem ilustrativa de fácil memorização.

Na página cinco, podemos observar na imagem cinco crianças, três do sexo feminino e duas do masculino, que se passeiam alegremente cada uma delas segurando quatro balões na mão, nos quais se inscrevem as letras já referida e as respectivas maiúsculas. Dada a recorrência de certos aspetos que consideramos não terem sido aleatoriamente escolhidos, voltamos a analisar os traços característicos do vestuário infantil aqui apresentado. Enquanto uma das crianças usa avental/bibe as restantes parecem usar roupas cuidadas, havendo mesmo uma que usa gravata. Todas usam meias até ao joelho e enquanto as meninas usam sapatos os rapazes parecem usar botas. Os rapazes usam cabelo curto e as meninas que o apresentam mais comprido usam-no apanhado ou com laço.

Na página seis, as três interjeições aí apresentadas surgem integradas numa banda desenhada que parece pretender ensinar os ditongos “ai” e “ui” em simultâneo com a transmissão dos valores de preservação da natureza. A imagem da queda de uma árvore sofrida por duas crianças que pretendiam violar um ninho associa a prática do mal à dor e ao castigo físico. A imagem de silvas junto à árvore e de um gato próximo não se nos assemelha fortuita, anexo 26.

A página sete apresenta-nos uma imagem campestre onde duas crianças brincam dentro de um carrinho de madeira enquanto outras duas as observam. Voltamos a destacar o uso de meias, o avental pelas meninas, o cabelo curto dos elementos masculinos e os laços a enfeitar o cabelo entrançado de uma das meninas. Seguem-se-lhe pequenas frases pontuadas formadas por palavras muito simples.

Nas páginas oito e nove introduzem-se a consoante “t” e palavras ou frases, com grau de dificuldade crescente, onde a mesma aparece. Ilustram estas páginas imagens de um menino com o traje da Mocidade Portuguesa a tocar um instrumento,

uma criança a segurar um ramo de flores com uma fita à qual uma senhora dá um laço, uma teia entre dois ramos de uma árvore, uma rosa e um cravo, ambos vermelhos.

Entre as páginas dez e cinquenta e um, vão-se, sucessivamente, inserindo as letras “m”, “r” em início, meio e fim de palavra, “n”, “d”, “v”, “s” em início e fim de palavra, “z”, “c” (primeiro antes das vogais “a” e “o” e, posteriormente, junto das vogais “e” e “i” ou com cedilha), “l”, “p”, “g”, “j”, “f”, “b”, “q”, “h” e “x”. As páginas cinquenta e dois e cinquenta e três são dedicadas aos grupos consonânticos palatais “lh” e “nh”.

A imagem da Virgem Maria com o menino ao colo e com um apelo à veneração da mesma, que consta da página vinte e sete, parece-nos um pouco descontextualizada nesta que considerámos ser a primeira parte do manual, uma vez que o mesmo integra uma terceira parte dedicada exclusivamente a conteúdos religiosos.

Os conteúdos apresentados na primeira parte revelam como principal objetivo a aprendizagem da leitura associada a determinados valores. Aqui, é através essencialmente da imagem que se procura incutir no espírito infantil os modelos comportamentais valorados.

Imagens da natureza, de animais domésticos, do carinho dado à criança, do acompanhamento familiar, de ações do quotidiano, distinguem como positivo o esforço exigido pelo trabalho, a preservação da natureza, a escola e o estudo, a limpeza, a fé, a Pátria, a pertença à Mocidade Portuguesa e até o Presidente do Conselho.

Não se verificando uma grande disparidade entre o número de crianças do sexo masculino, (trinta e sete), e o do sexo feminino, (trinta e cinco), nesta primeira parte são apresentadas como atividades passíveis de serem praticadas conjuntamente brincadeiras com balões, carrinhos, o arco, às escolas, (páginas cinco, sete, dez, doze e quarenta e um), o canto, (página catorze), contar contos e uma ida à feira, (páginas quarenta e sete e cinquenta e três, respetivamente).

Embora sem uma recorrência significativa, mas podendo associar-se às imagens que constam do verso da capa e contracapa, aparecem-nos como atividades

exclusivamente femininas o corte e costura e o brincar com bonecas e como atividades masculinas o moldar o barro e a apanha da fruta sobre uma escada.

Pelas imagens masculinas apresentadas, pensamos que se pretende valorizar o cabelo curto, que é usado pela totalidade dos rapazes. Relativamente ao vestuário masculino, a moda parece estar associada ao uso de calções, de botas e de sapatos. A gravata usada por alguns deles marcará, certamente, uma diferença social.

No que respeita à imagem feminina, ela aparece associada ao bibe ou ao avental, praticamente metade das meninas exibem-no, ao cabelo apanhado e ao uso de meias até ao joelho. O laço é uma constante que valoriza o cabelo, o bibe, o avental, a blusa, o lenço, o chapéu, o vestido e até as meias. Enquanto o laço caracteriza o sexo feminino, as calças e os calções são apanágio exclusivo dos rapazes.

Conseguimos distinguir um vestuário dito “domingueiro”, por ser usado no “dia do Senhor” ou em festas, do usado em atividades domésticas ou específico de certas profissões. Assim se explica a recorrência do “bibe”, o uso dos suspensórios e a aplicação de fundilhos nas calças do pescador e do menino que apanha fruta. É interessante observar, na página quinze, a mimetização que as crianças fazem do traje piscatório e, na página quarenta e três, a especificidade do vestuário usado pelos ceifeiros.

Pela recorrência com que sobrevêm e pela imagem positiva que se lhes pretende inculcar, diríamos que os animais domésticos são distinguidos e apreciados assim como as flores, o livro e muitos alimentos como, por exemplo, os ovos, a amora, a amêndoa, a vieira, a azeitona, a noz, as laranjas, a ameixa e outras frutas, o mel, o pão, as couves, as alfaces, as batatas, as cebolas, os feijões, as favas e o peixe.

4.1.1.2. Segunda parte: *Corpus* textual

De forma pouco marcada, a imagem de um livro aberto na página cinquenta e quatro serve, quanto a nós, para marcar o início de uma segunda parte, a dos textos propriamente ditos. As imagens ilustrativas tornam-se agora mais escassas pelo que, naturalmente, selecionadas com maior rigor. Cinquenta e um textos anónimos sucedem-se ao longo de trinta e seis páginas, a um ritmo descontinuado de cerca de um e meio em cada uma. Não encontramos qualquer questionário a acompanhar estes

textos o que facilita a sua reutilização e dá maior liberdade ao professor relativamente à gestão dos conteúdos programáticos. Pode verificar-se que, à medida que o tamanho dos textos aumenta, diminui progressivamente o tamanho da letra que atinge o tamanho mais reduzido a partir da página oitenta e dois.

Da análise cuidada e minuciosa que procurámos fazer não encontramos diferenças significativas entre as imagens aqui apresentadas e as que já enumerámos e interpretámos. As flores e os laços voltam a ser uma constante. As imagens ilustrativas dos textos continuam a apresentar algumas tarefas domésticas como próprias do sexo feminino, a descrever a alegria familiar que se deseja, o amor maternal e alguns comportamentos expectáveis, como a caridade e a oração de agradecimento a Deus.

Ao começar a ler os textos desta segunda parte, diríamos estar aqui o cerne do manual. Cinquenta e um textos apresentam-se como sendo suficientes para deixar na mente infantil a vontade de ser trabalhador, obediente, asseado e organizado, bondoso, cumpridor dos deveres, útil à Pátria, paciente, responsável, estudioso, honesto e sincero. Acrescente-se a fé em Deus, a atenção nas aulas, o silêncio, a caridade, o respeito pelos mais velhos e a insistência em “agradar aos pais”.

O apelo à proteção da natureza revela-se em textos como “O que os passarinhos dizem”, “Plantai árvores”, “Estimai as árvores” e “O pastor”.

O Estado Novo e a Mocidade Portuguesa surgem explicitamente enaltecidos. No texto intitulado “A cantina escolar”, o Estado Novo é sublimado através da frase “Foi o Estado Novo, que gosta muito das crianças e para elas tem mandado fazer escolas e cantinas, cresces e parques”. No texto “O berço” expõe-se a caridade das “meninas da Mocidade Portuguesa” por darem o berço e os vestidos para o menino.

O trabalho desempenhado pela criança é elogiado em textos como “A dona de casa”, “O arroz-doce”, “Saibamos esperar”, “O primeiro trabalho” e “O inverno”.

As meninas deviam, de igual modo, interiorizar que se esperava viessem a ser boas donas de casa, boas mães e boas esposas; nesse sentido, são apresentadas algumas tarefas que se espera desempenhem bem: varrer, arrumar, limpar o pó, cozinhar, pôr a mesa, costurar, amar de forma maternal. A menina deve tornar-se obediente e submissa enquanto aprende a desempenhar com rigor e perfeição as tarefas domésticas. As mulheres, nestes textos, apresentam-se a cuidar dos filhos e da

casa, onde deve reinar o asseio e a alegria. As flores servem o embelezamento e alegria do lar tal como os laços servem a beleza feminina.

Enobrecem o homem os trabalhos árduos, associados ao esforço e à persistência. No texto “O pescador” a criança pede ao Menino Jesus para não deixar morrer o “Pai, que anda longe, no meio do mar, a trabalhar para nós”.

“O Anjo da Guarda”, texto que exemplifica que os pais de então confiavam os filhos à ajuda divina, também pode, associado a outros, pretender fazer passar a mensagem de que as crianças deviam ser autónomas desde tenra idade. E estamos a lembrar-nos, por exemplo, do texto “A oração de uma menina” onde é exposta a desenvoltura de Maria de Fátima, uma criança com apenas cinco anos, que sabe comer, rezar e descascar a fruta sozinha. Não devemos, no entanto, descurar a hipótese de que isso também pode servir a economia do tempo na medida em que a mulher tem muitos filhos e, para além do trabalho doméstico, presta, por vezes, ajuda em algumas atividades agrícolas, anexo 25.

Relativamente à caridade elogiada, por exemplo, através da “Menina de bom coração”, não sabemos se este valor foi desvirtuado uma vez que aporta um significado próximo de esmola, dádiva, do que não faz falta, e não o “amor ao próximo por amor de Deus”.

Alguns textos passam também a moda do “bibe” e a sua importância na época. No último texto referido, a menina afirma ter muitos bibes, camisolas, vestidos, brinquedos novos, mas, mesmo aparentando ter mais possibilidades económicas, não deixa de usar essa peça de vestuário.

4.1.1.3. Terceira parte: A religião

Após o separador da página noventa e um, no qual podemos ver uma cruz centrada e sobreposta a um retângulo de flores, e até à página cento e doze, o manual apresenta um “caderno” de cariz religioso. Esta parte inicia-se com a apresentação da atividade religiosa que devia ser desenvolvida pelos alunos e acompanhada pelo professor antes e depois de cada aula. No início da lição e após todos efetuarem o sinal da cruz, o professor devia evocar “Jesus, divino Mestre” para depois todos solicitarem ajuda divina como “iluminados” e “purificados” tendo como objetivo que cada um fosse “sempre cristão fiel a Deus e cidadão útil à Pátria”. No final das aulas,

deveriam agradecer “os benefícios concedidos”, pedir a bênção para “a Vossa Igreja, a nossa Pátria, os nossos Governantes, as nossas famílias e todas as escolas de Portugal” e terminar benzendo-se.

A página seguinte, a noventa e cinco, insere a pergunta sobre a criação de vários elementos (o sol, as árvores, a água, as aves, as flores, a Pátria, a família) para apresentar Deus como “Amigo” e criador de todo o mundo com quem se deve falar. Termina com o imperativo do verbo “escutar” depois do vocativo “pequenino” a quem se pede atenção para “conhecer e aprender a falar com Ele”.

A partir daí, vão-se sucedendo vários pequenos textos que servem a caracterização de Deus como “Criador”, “Senhor”, “Nosso Pai” e “Remunerador”, após os quais é demonstrada a necessidade de “conversar com o Senhor do Céu e da Terra” através das orações diárias (de manhã, às refeições e à noite). Posteriormente, explicam-se ainda as “três Pessoas” existentes em Deus, explicita-se a simbologia cristã do Sinal da Cruz, apresentam-se as orações “O Pai Nosso”, “Ave-Maria”, “Salve-Rainha” e ao “Anjo da Guarda”, e esclarece-se o que é um pecado e a pertinência da confissão e do arrependimento. A Igreja é apresentada como a “Casa de Deus” que se deve visitar “aos domingos, principalmente”. Por fim, e depois de enunciado que Deus “está em toda a parte, vê tudo e sabe tudo” esta parte termina com o “Credo”. Caracteriza esta parte a existência de questionários, com a respetiva resposta, sobre a maioria dos textos apresentados. Para além de algumas flores, as poucas imagens que ilustram estes breves textos relacionam-se com a religião e repetem-se por vezes: cruz, anjos, estrela, sagrado coração, cálice, hóstia e pomba.

Desconhecemos se os professores eram simplesmente aconselhados ou efetivamente obrigados a servir-se destes textos de carácter exclusivamente religioso na sua prática letiva, a frequência com que eventualmente o faziam e, conseqüentemente, em que medida os mesmos contribuíram para a formação moral dos alunos. Pensamos que o assunto merece um estudo aprofundado que, por carecer de mais tempo para investigação junto de professores e alunos dessa época, foi descurado pelo menos temporariamente.

4.1.1.4. Quarta parte: A aritmética

A página cento e treze institui, através de separador próprio, a aritmética. O colorido e a imagem prosseguem mais amiúde e com um caráter essencialmente exemplificativo e prático. Os valores estão patentes em muitas das imagens escolhidas mas também em ações apresentadas verbalmente. A título exemplificativo, podemos ver, logo na primeira página desta parte, a imagem de “uma aula de aritmética” onde os alunos demonstram estar atentos à explicação do professor. Nesta aula, “ministrada em regime de separação de sexos, de acordo com o artigo 5.º do Decreto-lei n.º 27279, é igualmente valorizado o aprumo e a limpeza dos alunos devidamente equipados com a respetiva bata branca e usando cabelo curto.

Para aprender a contar são apresentados ou enumerados alguns objetos familiares (bola, pião, óculos, botões, chaves, livros, berlindes, bandejas, copos, pratos, selos, lápis, carros), flores e animais diversos (cão, gato, rato, vitelo, borboleta, caracol, coelho, galináceos, peixes, joaninhas) e mesmo alguns alimentos (castanhas, tremoços, favas, cerejas, rebuçados, laranjas, abrunhos, maçãs, bolos, pudim).

Apresentam-se, naturalmente com caráter mimético, imagens de três “irmãos” trajando a farda da Mocidade Portuguesa sentados num banco de jardim a ler, uma menina a fazer contas, um piquenique em que a mãe distribui a comida, uma criança a comer com um pano a servir de babete para não se sujar, um passeio pelo campo em que as crianças, consoante o seu nível etário, utilizam bicicleta, triciclo, trotinete, puxam um carrinho de madeira com um bebé ou se passeiam a pé.

As frases “como se obtém o material”, “como se guarda o material”, “deu cinco a uma pobrezinha” podem ilustrar o apreço pela reutilização e conservação de materiais, pela poupança e pela caridade.

Não deixa de ser interessante reparar que a única referência ao valor remuneratório de uma profissão surge nesta última parte do manual como enunciado de um problema: “Uma costureira ganhou em 6 dias 72 escudos”.

Há ainda a salientar, nesta parte, o caráter excecional dos questionários, dos problemas orais e dos exercícios para os quais não são apresentadas as respetivas soluções.

4.1.2. *O Livro da Segunda Classe*

Na capa de *O Livro Segunda Classe* observamos o título do manual rodeado por onze quadrados onde se podem ver imagens de crianças (brincando com um pássaro, tocando flauta, correndo e caminhando com livros) e elementos relacionados com a escola (globo, figuras geométricas e objetos escolares como régua, esquadro, lápis e tinteiro) ou com alguma simbologia nacional (torre e bandeira, santuário/igreja, barco e peixes e menina com traje nacionais populares).

A contracapa é idêntica à de *O Livro da Primeira Classe*. Nela consta o preço do manual e o local e data de impressão.

O conteúdo imagético das guardas iniciais é exatamente igual ao das finais. Em tonalidades de azul, castanho e creme e num traço pouco rigoroso, são inúmeras as personagens que se apresentam em atividades de lazer: leitura, pesca, natação, andar de barco. Veem-se ainda pequenas embarcações, vários peixes, tendas de acampamento, um avião ultraleve e um farol. O vestuário é próprio de clima quente e duas das personagens femininas têm laço (no chapéu e no cabelo). Contrariamente ao primeiro livro analisado, as faces das personagens mostram-se desprovidas de caracterização passível de análise.

A atribuição do número um coube à folha subsequente, da qual consta o título do manual. À exceção do local onde foi registado o número de impressão desta sexta edição, 146998, a página três deste manual é em tudo idêntica à primeira do manual da primeira classe.

Também destituído de índice, este manual de cento e trinta e nove páginas distingue três partes constituintes: uma primeira parte de textos; uma segunda parte sobre a Doutrina Cristã e uma última parte dedicada à aprendizagem da aritmética.

4.1.2.1. **Primeira Parte:** *Corpus* textual

Cinquenta e quatro textos, com um tamanho de letra uniforme e idêntica à dos últimos textos do primeiro manual analisado, sucedem-se até à página sessenta e seis, sem qualquer questionário que os acompanhe. O carácter anónimo dos textos narrativos contrasta com os do género lírico. Integram este *corpus* textual quatro poemas de Afonso Lopes Vieira, três de João de Deus, e um de cada um dos

seguintes autores: António Nobre, Adolfo Portela, Tomás Ribeiro e Francisco Palha. Apesar de não contabilizadas, acresce juntar três quadras (duas de António Correia de Oliveira e uma popular) e cinco provérbios subordinados ao tema “Sabedoria popular”.

As imagens ilustrativas dos textos desta primeira parte ocorrem logo a partir da sexta página. Perante textos desprovidos de ilustração, com grandes ou pequenas imagens ou até duplamente ilustrados, não encontramos uma justificação plausível para a frequência da mesma. Apresentam também grandes divergências no que se refere à cor. Enquanto muitas imagens mantêm uma única tonalidade, outras apresentam uma diversidade de cores quentes e frias muito apelativas como é o caso das ilustrações dos textos “Alegria na casa”, “O presépio”, “Como pobre de pedir”, “Dia de Páscoa”, “Serras da natureza”, “O lavrador” e “O pastor”. Comparativamente com o primeiro manual, a maioria das imagens sobrevém muito mais descaracterizada quer pela aparente falta de rigor do traço quer pela quantidade de personagens que se apresentam de perfil. Diríamos que a beleza imagética é aqui conseguida não pela representação fiel da realidade mas pela forma como apelam ao imaginário e pelo colorido. As flores, os laços e alguns animais continuam a ser uma constante. Nas imagens ilustrativas de alguns textos podemos observar tarefas domésticas (como costurar, pôr a mesa, ir à fonte), a união familiar e o amor maternal.

O primeiro texto intitula-se “Deus” e surge desprovido de qualquer ilustração e com o título a meio da página em tamanho muito superior a todos os outros. Este pequeno texto revela-se, no entanto, muito significativo pela descrição das atitudes e comportamentos que se apresentam ao aluno como protótipos: que estude, reze e seja bom. A família, a escola e a igreja surgem num unísono para a aprendizagem pretendida. Inicialmente discurso de primeira pessoa do singular, passa à primeira do plural para, conjuntamente com o presente do conjuntivo com valor de imperativo e a utilização dos diminutivos, procurar a adesão do jovem leitor. O futuro do indicativo garante alegria e felicidade perante o cumprimento da “vontade” de Deus que “está acima de tudo e de todos”. Tendo em vista os objetivos pretendidos, não podemos descurar a “ameaça” patente na onnipresença deste: “vê-nos e ouve-nos a todo o instante”.

O enaltecimento da figura da mulher enquanto cuidadora dos filhos e da casa sobressai nos textos “A minha mãe” e “A família”. No primeiro destes textos o amor materno é demonstrado pela mãe que se queimou para proteger o filho. No texto “Os primeiros passos” descrevem-se os cuidados e diligências maternas quando um filho começa a aprender a andar.

Apresentam-se como tarefas específicas do sexo feminino costurar, cozinhar e pôr a mesa. No texto “A minha mãe” é solicitado a Maria Isabel que veja se na mesa nada falta ao pai enquanto a mãe prega um botão no fato do José. No texto “Cuidados de irmã” a Maria “com jeitos de pessoa crescida, coseu as calças com todo o cuidado” ao irmão que pensava “Como são lindas as meninas que sabem costurar!”. Pelo texto “Merecida recompensa” ficamos a saber que José Manuel veste “um fatinho de cotim coçado e pardo, que a mãe lhe fizera...”.

Promove-se a entreaajuda doméstica por parte das meninas desde a infância: a filha mais velha fica “de guarda” à casa e a embalar a irmã de berço durante a ausência da mãe, no poema “A menina no berço”, e solicita-se às meninas que “ajudem sua mãe a tratar dos serviços domésticos e dos irmãozinhos mais novos”, no texto “Alegria na casa”.

A limpeza e a ordem são valores a desenvolver desde a mais tenra idade. No texto atrás referido o José admira-se porque a mãe “consegue ter sempre tudo em ordem”. No texto “Alegria na casa” aconselham-se as meninas a ser “cuidadosas com as roupas, com os livros e com tudo o que lhes pertence”. Também no texto “A casa nova” esta é mantida “sempre muito arrumada e limpa” pela mulher e pelas filhas do Silvestre e em “Dia de Páscoa” “as casas da aldeia estão... mais asseadas que nunca”.

Ao pai compete a responsabilidade pela família pelo que se lhe apresenta como essencial prover o sustento da mesma. Este papel exige-lhe, naturalmente, um maior afastamento do lar e um trabalho árduo frequente “desde manhã até à noite” ou “A única tristeza... é que meu pai não esteja sempre connosco”, conforme sucessivamente explícito nos textos “A família” e “O meu pai”.

Os animais dão também provas do amor e mostram os cuidados a ter com os filhos em textos como “Os ninhos”, onde os passarinhos cuidadosamente “os ninhos fazem de musgo e penas”. Servindo-nos de palavras de Bívar (1975: 117), diríamos

que, em muitos textos, se reconhece facilmente a “intencionalidade antropomórfica por parte do animal”.

A união familiar e o amor fraternal sobressaem no texto “Coragem e dedicação”, em que um menino de sete anos salva a irmã de morrer afogada. O que se nos afigura como inverosímil, uma criança não brincar “por ter a irmãzita doente”, no texto “É perigoso brincar na rua”, não deixa de ser o extremar do amor entre irmãos. Em “Defesa dos frutos”, surpreende-nos também um pouco a atitude da criança que “colheu no quintal uma bela maçã e preparava-se para a saborear com seus irmãos”. São, de igual modo, elucidativas frases como “todos somos unidos como se fôssemos uma só pessoa e nos confundíssemos numa só alma”, no texto “A família”, e “Vendo assim aquele amor abraçado a si, o avô fechava os olhos a sorrir, feliz e contente”, em “O avô e o neto”.

O sacrifício, a dor e o sofrimento apresentam-se transversais às diferentes gerações e grupos sociais. Todos se devem sacrificar em prol do bem comum: “Que dores horríveis não estará sofrendo” e “em paga da minha dor, toda a terra está em flor”.

Para além de algumas quadras e provérbios, nos quais a sabedoria popular é exaltada, encontramos textos, como “Adivinhas” e “Adágios populares”, em que se torna também manifestamente valorado o conhecimento que os mais “velhos” detêm.

A alegria é sobrevalorizada ao longo de muitos dos textos que compõem este *corpus*. Comprovam-no frases como “mesmo quando estamos doentes, nunca o sorriso se lhe apaga”, “É uma alegria para ele ver os cabritos e os cordeiros...”, “Bem haja o cheiro da flor, que alegra o lidar campestre”, “o senhor Abade... saúda alegremente”, “Todos os trabalhos da colheita se fazem com alegria” e “centenas e centenas de rapazes, desembaraçados e alegres, para assistirem à missa campal”. Paralelamente, e no que respeita ao lar, que se pretende alegre, afirma-se no texto “Alegria na casa” que “A nossa casa... Deve mostrar alegria nas pessoas e nas coisas” e que “As flores concorrem muito para alegrar a casa”.

O patriotismo e a fé que se pretende incutir são visíveis em frases como “os seus filhos a quem eles criam no amor de Deus e da Pátria”, no texto “A família”. A apologia do cristianismo está patente logo num dos primeiros textos, “O baptizado”, em que a alegria dos padrinhos “todos contentes por oferecerem a Deus aquele

afilhado” que “será cristão, filho da Santa Igreja”. Alguns ensinamentos cristãos são passados através de textos como “O presépio”, “Jesus” e “O nascimento de Jesus”. “Dia de Páscoa” é um dos textos em que se vislumbram hábitos de um povo crente.

“Caridade” é um texto que enaltece quem dá esmola ou ajuda os pobres.

No final do texto “Os primeiros passos”, descreve-se a aprendizagem da leitura e valoriza-se o saber que esta faculta. De modo idêntico são valorizados a escola, o livro e “O quadro da escola” no texto com esse nome. O texto “O ninho da rola” apresenta metaforicamente a necessidade da escola e de tempo para se aprender a ler, escrever e “fazer as contas certas”. No texto “Saber ler” apresenta-se uma criança a ler para aqueles que “se julgavam a viajar por terras e jardins de longe...” e compara-se o analfabetismo à “noite” para incentivar a assiduidade à escola. “Como pobre de pedir” exemplifica que saber ler e escrever se sobrepõe ao dinheiro ao apresentar diversas situações em que a personagem Maria Rosa, apesar de rica, fica dependente de terceiros. “A prenda do Luís” apresenta o “castigo” que o pai aplicou ao filho devido à sua caligrafia pouco legível. Situação inversa sucede no texto “Um passeio à Serra da Estrela” em que a criança recebe como prémio por ter passado de classe “um lindo fato de casimira”. A escola apresenta-se como fator indispensável para “Aprender a ser homem” no texto com esse nome. Assim, desconhecemos se o peso da honestidade se sobrepôs ao do “exame com distinção” quando o dono da loja de fazendas ofereceu “uma camisola nova” e emprego como caixeiro a José Manuel.

“A lebre e o sapo-concho” e “A alegria de saber” exemplificam a importância do esforço e da persistência. Através do primeiro texto, pretende-se demonstrar a fragilidade da inteligência se comparada com os resultados obtidos através de um trabalho escolar contínuo. No segundo, contrapõe-se o tempo necessário a uma aprendizagem ao gosto e utilidade do “saber”.

Os resultados obtidos por um trabalho de desbravamento de terras são expostos no texto “Na quinta” onde o apreço pela atividade física se associa ao valor da economia. Em “A ceifa” imbrica-se o trabalho com o canto e a alegria durante o seu desempenho. No texto “S. Pedro e a ferradura” pretende-se passar a mensagem de que, por vezes, “quem se quer poupar a pequeno incómodo sujeita-se depois a muitos trabalhos”. O poema “O lavrador” é uma elegia de amor à terra, feita a partir da explanação dos árduos e repetitivos trabalhos do campo.

“Os camponeses” é o título de um outro texto exemplificativo da representação positiva que se pretende para o ambiente rural face ao citadino. O Raúl, que apreciava Lisboa com os seus lindos elétricos, passou a ser “o maior amigo dos camponeses” após a trovoada. Algumas páginas mais à frente, é retomado este assunto no texto “A gente da cidade”. Aqui a animosidade do filho do caseiro pelas pessoas da cidade é atenuada ao saber que o avô do Raul, que era engenheiro, trabalhara pela gente do campo dirigindo as obras de construção da ponte.

Apresentam-se como encómios da ruralidade e de atividades campestres textos como “Bênçãos”, “Sabedoria popular”, “Um passeio à Serra da Estrela” e “As serras”. Segundo este último, são felizes “os que podem viver tranquilamente nas serras e nos campos” uma vez que as lindas cidades se confrontam com “poeiras, fumo de fábricas, mil impurezas e muitas doenças”.

A pastorícia, por exemplo, é louvada e apreciada em “Um passeio à Serra da Estrela” e “O pastor”.

Outros textos há que, pela minúcia descritiva ou pelo rigor científico, são como que aulas de agronomia, o caso de “Defesa dos frutos” e “Os cereais”; de economia agrícola, o caso de “Os sobreiros” e “Os castanheiros”; ou de apicultura, “O enxame de abelhas”.

A amizade e entajuda do Carlos para com os companheiros são premiadas pelo professor que considera a ação um “dever de *lusito*” no texto “É perigoso brincar na rua”.

“A casa nova” faz parte de um conjunto de textos em que se apresentam ações que o Estado Novo considerava dignas de propaganda: a construção dos bairros económicos, a construção de escolas e a abertura de cursos noturnos nas Casas do Povo.

O texto “Aprender a ser homem” apresenta-se simultaneamente como um autoelogio do Estado, que “coordena e assegura o livre exercício de todas as actividades necessárias à vida da Nação” e um discurso panegírico do trabalho que se exige a cada homem “para bem de todos”.

Através destes textos são ainda veiculados conhecimentos sobre a altitude e características da Serra da Estrela, a *freguesia* enquanto divisão territorial e administrativa, os seres da natureza e as maiores serras portuguesas.

“No acampamento”, último texto deste *corpus* textual, descrevem-se as festividades da Mocidade Portuguesa, aquando do 28 de Maio. O apreço conferido ao acontecimento e a esta organização é tal que os rapazes “nem queriam acreditar que estavam em Lisboa, porque o ar puro e fresco... tinha o perfume das flores do campo”. A quantificação, “centenas e centenas de rapazes”, imbrica-se com a qualidade que se lhes pretende conferir, “desembaraçados e alegres, para assistirem à missa”. A fé cristã e uma certa organização militar são virtudes apresentadas nestes jovens da Mocidade Portuguesa que se pretendem para o “Homem Novo”.

4.1.2.2. Segunda parte: Doutrina Cristã

Após o separador da página sessenta e sete, no qual podemos ver dois anjos sobre a campânula com a imagem de Nossa Senhora com o Menino Jesus ao colo, um terço e um laço a prender um cortinado, e até à página noventa e dois, este manual apresenta textos subdivididos por temas de cariz religioso (Deus, A Criação, O primeiro homem, A lei de Deus, Os Mistérios, As S.S. Trindades, o Mistério da Encarnação, o Mistério da Redenção e a Igreja) a que se seguem questionários com perguntas e respostas.

Através de perguntas e respetivas respostas começa por se apresentar Deus como um ser “sem defeitos nem limites...” para, em seguida, se lhe imputar a criação de “tudo quanto existe no Céu e na Terra”, nomeadamente o homem. Apresentam-se depois os *Mandamentos da Lei de Deus* e a necessidade de respeitar “sob pena de condenação eterna”. Expõem-se ainda os “mistérios da fé” e a “vida sobrenatural”.

As poucas imagens que estabelecem o início de cada tema que integra esta parte relacionam-se com a religião e repetem-se inúmeras vezes: cruz, anjos, âncora e sagrado coração.

4.1.2.3. Terceira parte: A aritmética

A página noventa e três dá início à aritmética através de separador próprio. A ilustração é feita basicamente nas tonalidades de preto, vermelho e cinzento. O colorido e a imagem têm um carácter essencialmente exemplificativo e prático das

ações. Podemos observar um aluno a contar os lápis, crianças a apanhar fruta, uma vendedeira a contar ovos, criados de hotel a arrumar pratos, uma avó a repartir nozes pelos netos.

No final de alguns dos seis capítulos que formam esta parte (numeração, operações, provas das operações, dinheiro português, frações e numeração romana) encontramos problemas e/ou exercícios para os quais não se apresenta a respetiva solução. Nesta parte, descrevem-se várias situações do quotidiano através de um discurso essencialmente expositivo e de uma linguagem simples.

4.1.3. *Livro de Leitura da Terceira Classe*

Na capa do *Livro de Leitura da Terceira Classe* podemos observar este título dentro de um caixilho sobre o qual correm cinco crianças, três do sexo masculino e duas do feminino, hasteando cada uma a sua bandeira. O rapaz que medeia as restantes crianças enverga o traje da Mocidade Portuguesa e segura, imponentemente, a maior bandeira, a de D. João I. As restantes bandeiras são, equitativamente, a de D. Afonso Henriques e a que resultou da proclamação da república.

A alegria é visível na face de todas as personagens que, a ver pelas duas malas escolares e pelos livros com que se fazem acompanhar, frequentam a escola. Ainda enquadrado no mesmo retângulo podem ver-se três pombas brancas a voar.

Tal como nos manuais anteriores, da contracapa consta o preço do livro e o local e data de impressão.

Nas guardas iniciais, em tom verde e creme, estão representadas sete crianças, quatro do sexo feminino e três do masculino, e alguns objetos escolares (quadro, carteira, tinteiro e livros). A dividir, exatamente a meio, uma parte mais representativa do interior de uma sala de aula de uma outra exterior onde se pratica desporto, deparamo-nos com o escudo das armas nacionais.

As guardas finais foram igualmente divididas pelo escudo de armas quadrangular de D. João I. Contudo, há maior uniformidade relativamente ao espaço físico campestre florido e à prática de exercício físico por algumas personagens. Esta aparente simbiose é-nos dada também pelas personagens que se dirigem para um

acampamento e que se encontram de ambos os lados. À direita distinguem-se três rapazes da Mocidade Portuguesa.

Relativamente ao vestuário, voltamos a identificar como traço comum masculino o uso de calção e o laço no cabelo como uma das características femininas. Na maioria das personagens em que é possível observar a expressão facial, transparece a alegria e a tranquilidade.

Foi atribuído o número um à folha que se sucede e onde consta uma imagem retangular multifacetada no centro da qual se pode ver o escudo de armas nacionais. Todos os elementos icónicos aqui presentes demonstram o enaltecimento de figuras e monumentos históricos portugueses, de símbolos da nação como as bandeiras e o padrão dos descobrimentos (marco em forma de coluna, de pedra, esculpidos com as armas e motivos heráldicos nacionais, que os navegadores portugueses colocaram, ao longo das suas viagens, nos litorais das terras descobertas) associados à imagem de um povo temente a Deus (campanário) e com uma forte ligação à terra (ceifeiro, seara, vinha, bois) em que o papel da mulher é cuidar dos filhos.

Na folha seguinte, respetivamente de cima para baixo, vemos o selo da república, a denominação do Ministério da Educação Nacional, o número de impressão e a referência ao nível de ensino. Diferentemente da capa, intitula-se aqui, em maiúsculas e a meio da página, de *O Livro da Terceira Classe*, nome pelo qual preferiremos designá-lo por uma questão de coerência com os restantes. Segue-se a edição dentro de parênteses, o ano da mesma, uma assinatura e o nome da editora e a respetiva morada, no nosso caso a quarta edição, de 1958, com o número 6670.

Igualmente desprovido de índice, este manual de duzentas e treze páginas é composto apenas por duas partes, uma primeira parte de textos e uma segunda parte sobre a Doutrina Cristã.

4.1.3.1. Primeira Parte: *Corpus* textual

Ao longo das cento e setenta e nove páginas que compõem a primeira parte deste manual, distribui-se um extenso *corpus* de cento e dezasseis textos quase exclusivamente de autoria desconhecida e sem qualquer questionário a acompanhá-los. Convém talvez referir que, pela sua reduzida extensão, não foram contabilizados pequenos poemas, provérbios e cantigas. Dentre o género narrativo, apenas o texto

“A vocação da cerejeira” mereceu referência ao seu autor, Guerra Junqueiro. O cânone lírico integra maioritariamente textos de António Correia de Oliveira, Afonso Lopes Vieira e Adolfo Portela embora também se encontrem representados Augusto Gil, P.^e Moreira das Neves, Pedro Dinis, Acácio de Paiva, João de Deus, Bocage e, com carácter inovador em representação feminina, Maria de Carvalho, D. Luísa Vilhena e Maria Lúcia. O tamanho e tipo de letra é uniforme e idêntica à dos textos dos anteriores manuais analisados. Relativamente à extensão dos textos e ao tamanho e tipo de letra dos respetivos títulos não se verifica, contudo, uma uniformidade.

Uma análise imagética, ainda que não muito profunda, permite-nos afirmar haver mais semelhanças entre este e o manual da primeira classe relativamente à definição de contornos das imagens e às cores utilizadas. No que se refere ao conteúdo das mesmas, reitera-se de novo a presença dos laços e do avental na indumentária feminina, das flores, dos animais, da cruz e dos barcos. O ambiente e as atividades rurais proliferam igualmente bem como a alegria e a serenidade no rosto da maioria das personagens. Com carácter inovador, exibem-se agora monumentos e personalidades históricas nacionais.

Estrategicamente escolhidos revelam-se principalmente os textos com que se inicia e finda este *corpus* textual, respetivamente “A Pátria” e “O Hino Nacional”. O primeiro, iniciado por um vocativo numa frase interrogativa, serve a definição pretendida para a palavra Pátria. Apresentada como sinónimo das palavras nação e mãe, inicia-se desde logo a vassalagem a alguns heróis nacionais e a apresentação de alguns símbolos da nação como é o caso da bandeira. A reiteração do presente do indicativo dos verbos ser (terra, território, mãe, solo) e estar (casa, regaço materno, aldeia/cidade natal, escola, família, pessoas, campos) servem um discurso breve. Cerca de uma página revela-se suficiente à trilogia “Deus, Pátria, Família” se relacionarmos o exposto com os “montes com suas capelinhas”, “a Pátria bendita” e a explicitação de que o “solo abençoado de todo o Portugal” inclui “as suas ilhas do Atlântico... as nossas terras dos dois lados da África, a Índia, Macau, a longínqua Timor”. O facto de, ao longo do texto, surgirem, respetivamente nove, quatro e três vezes as palavras “Pátria”, “terra” e “portuguesa/portugueses” e cinco vezes o possessivo “nosso/a(s)” é uma outra forma encontrada para a inculcação do valor atribuído então à nacionalidade.

Consideramos que o último texto apresenta semelhanças com o primeiro no que respeita não só à extensão mas também ao discurso. A definição de um outro símbolo da nação, o hino, sucede duas frases interrogativas e utiliza essencialmente o presente do indicativo. Também aqui está patente a referência ao sangue derramado pelos heróis da Pátria. Todavia, porque se pretende também modelar comportamentos, o verbo mais utilizado passa a ser o “dever”.

O asseio e a limpeza que se pretendia inculcar retomam-se em frases como “Desde pequenina... gostava de ter os vestido arrumados e limpos”, “arranjo e asseio dos livros e dos cadernos”, “Rasgar o fato, manchá-lo de nódoas ou trazê-lo sujo... estragar o que representa o trabalho de tanta gente”, “Todo o corpo deve andar sempre bem lavado... a cabeça precisa de andar limpa, e os cabelos penteados”, “Os hábitos de asseio contraídos em criança mantêm-se por toda a vida”.

No texto “Cuidemos do nosso corpo” são propostas ações que nos fazem refletir sobre a saúde e a importância da imagem, “Os hábitos de asseio... além de auxiliarem a conservação da saúde, influem muito na consideração das pessoas que nos rodeiam”. Este texto induz a existência no país de problemas relacionados com a credência nos curandeiros, a medicação incorreta e o alcoolismo. A temática da saúde é retomada no texto “A higiene da casa” onde se preconiza ser necessário “uma vida regrada e higiénica”, o exercício físico “para se tornar forte e sadio”, uma casa solarenga e respirar ar puro para, aos oitenta anos, gozar “de saúde e alegria como muitos jovens não têm”. A frase “Deve-se dormir em quarto que contenha pelo menos vinte e cinco metros cúbicos de ar por pessoa” dá que pensar tendo em consideração estarmos numa época em que a maioria dos cidadãos tem uma grande prole e o preço das casas é elevado, principalmente nas cidades.

Relativamente à escola e ao estudo, volta a distinguir-se a assiduidade, a pontualidade, a atenção e o interesse pelo saber como elementos essenciais à aprendizagem nos textos “A felicidade pelo estudo” e “As terras e as águas”. Em “No fim da aula”, é agradável verificar como, apesar de ser “o último tempo lectivo. Os alunos estavam desejosos de que o professor começasse a lição” e como este último fica satisfeito “Ao vê-los cheios de curiosidade”. A frase “Vale muito ser inteligente, mas é preciso não deixar para o dia seguinte o estudo das lições ou os exercícios que se têm de fazer hoje”, que consta do manual anteriormente analisado, encontra eco em “Não é muito inteligente, mas é das que mais sabem”. A

importância do exame da terceira classe volta a ser apresentada através da simbiose entre a palavra “prazer” e o tempo verbal (futuro do indicativo) que formaliza a sua obtenção, “Que prazer... não terão quando ela fizer exame da terceira classe!...”.

Tudo o que é rústico continua a sobrepor-se ao que é citadino. O texto “As Aldeias” comprova-o pela fortaleza de braços do menino da aldeia, pela sua destreza linguística e pela enumeração de tradições associadas à sua terra. Aqui se utiliza o grau comparativo de superioridade para afirmar que durante as “Janeiras” o luar é “mais lindo que todas as luzes da cidade”.

A demonstração de amor à terra natal na afirmação categórica “Não há no mundo gente mais amiga da sua Pátria que os Portugueses” e em “Sabes ser fiel ao amor que deves à terra em que nasceste” consta, respetivamente, dos textos “O relógio da saudade” e “As Aldeias”. Em “O dia das eleições” o progresso exige “uma junta de freguesia formada por pessoas aqui nascidas e criadas, que tenham amor a tudo que é nosso e sejam capazes de se sacrificar pelos interesses de todos nós”. Quando afastado da sua terra o português experiencia a saudade e vêm-lhe à memória tradições e ruralidade. O emigrante reconforta-se apenas com “...uns pés de videira que mandara ir da sua terra” e ilude-se com um relógio com “o tom do sino... da aldeia” que lhe faz “melhor do que todos os remédios” ao afirmar “sinto que vou morrer pertinho da igreja e do cemitério do meu país, ao som do sino da minha terra”.

A nossa imaginação não pode ficar indiferente perante a beleza e o colorido que a leitura de frases como “Na Pátria estão os campos de ricas searas, os prados verdejantes, os bosques sombreados, as vinhas de cachos negros ou de cor de ouro, os montes com suas capelinhas brancas votivas” sugere. A descrição feita em “O Tejo, o Douro e o Guadiana” remete-nos também para a perfeição das “campinas” e dos “aprazíveis campos”. Provam-no igualmente a visão saudosista de “o mar azul, a terra verde, o Minho, o sol, o céu de Portugal” que precede a morte do emigrante. Por outro lado, o campo promove muitas e úteis aprendizagens. No texto “A azeitona” o Júlio aprende não só o significado da adivinha como a evolução e utilidades do fruto.

O sacrifício é como que uma constante da vida que o ser humano deve aceitar de bom grado. “O Jorge” exemplifica a caridade e a compaixão: “nenhum como ele era capaz de se sacrificar por um companheiro necessitado, de se condoer de um

pobrezinho, de amparar um velho, de servir de guia a um cego”. Quando lemos “O que dizem os nossos monumentos” até estes “nos falam do que tem sido... a vida do povo português, com o seu trabalho, a sua arte, o seu sacrifício e a sua fé”. O texto “De que se faz o nosso vestuário” alerta os filhos para o “sacrifício que constitui para seus pais o trazerem-nos vestidos e asseados” e questiona-os sobre o “quanto suam os seus pais para ganharem o dinheiro com que se compra o vestuário, os dias e noites de vigília e canseiras de suas mães para poderem trazê-los com o fato apurado e limpo”. No poema “Canção da Mãe” a única certeza da vida é, no final, o sacrifício materno, “Porei o corpo de rojos...”. O texto “O Infante Santo” dá provas de que o sofrimento não assola só os pobres, “Ele tudo sofria com resignação, e oferecia a Deus as suas orações e sacrifícios, pelo bem da Pátria”. De igual modo se compreende que um cidadão de “consciência muito sã” aceitasse “com a maior boa vontade todos os incômodos e sacrifícios, para que o País pudesse ser bem administrado”, como no texto “O dia das eleições”.

O papel de um bom filho é encher os pais de orgulho só conseguido por mimetismo, amor e obediência, numa ação conjugada entre a escola e a família. Esta representação é alcançada pelas personagens dos textos “A felicidade pelo estudo”, “Que prazer... quando ela fizer o exame da terceira classe”, e “O Jorge”, “Hoje é o orgulho dos pais. E eu sinto muita honra em dizer que o tive por aluno”. O poema de D. Luísa Vilhena é, concomitantemente, uma declaração de amor e um agradecimento ao pai e à mãe “por todo o bem e sacrifícios”. Mimetizando a mãe que costurava, Aninhas estava “entretida também a fazer uma saia para a boneca” no texto “As estações do ano”. Através do texto “Na aula de trabalhos femininos” além de ficarmos a saber que na terceira classe já há alunas que sabem cozinhar e fazer arroz doce (“Até já aprendi a fazê-lo”, “eu sei bem que tu és já uma boa cozinheira”), apercebemo-nos do relacionamento entre a professora e a mãe, “A tua mãe conta-me tudo...”. No provérbio “O filho que amargura os pais jamais conta com ventura” há como que uma ameaça velada que se coaduna pouco com o espírito cristão de “dar a outra face” mas que se torna favorável aos objetivos pretendidos.

A gratidão é um dever incondicional dos filhos para com os pais. No texto “Os anos da Mãe” todos os filhos de Maria do Rosário agradecem os sacrifícios maternos com demonstrações de amor. O texto “O bom filho” é um bom exemplo do que se considerava um dever dos filhos mais novos, o amparo aos pais: “ficara, fiel

no seu amor”, “Eu cá estou, e ficaremos sempre os dois”, “Eu nunca o deixo”. Frases como “Da minha fatia de pão será sempre metade para si e, do meu cobertor também metade”, “Coma... Se não, também eu não como” demonstram a gratidão deste filho.

O significado que se pretende impor à caridade é notório na lenda “A laranjeira de Santa Isabel”; na ação de Deuladeu Martins que “deu generosamente tudo quanto tinha... e tratava com o maior carinho os soldados que ficavam feridos”; nas afirmações “Ando sempre contente nos dias em que posso visitá-lo e dar-lhe esmola. Não há alegria como a de fazer bem”; no superlativo relativo de superioridade com que culmina o texto “A Caridade”, “Nosso Senhor ensinou que a maior de todas as virtudes é a caridade”; e na forma como “O lavrador da arada” recebe um pobrezinho que se revelará ser Jesus.

O valor que se atribui à flor faz com que “As rosas e mais flores do quintal, todas foram poucas para enfeitar a casa”, aquando de “Os anos da mãe”, e Aninhas queira “colher braçados de rosas para... casa e para o altar de Nossa Senhora” por gostar “tanto de flores”, em “As estações do ano”. O valor da flor é extremado quando, no texto “A morte da Princesa”, esta surge personificada: à passagem do enterro, “para que vissem pela última vez as plantas que ela estimara tanto”, “começaram a murchar todas as ervas e a desfolhar-se as flores”.

Numa época de primazia do utilitarismo, sentimo-lo texto a texto e, por vezes mesmo, frase a frase. Em “O destino da árvore” propõem-se inúmeras utilidades para a madeira. O que poderia parecer inócuo em textos como “A raposa”, “Os bois”, “A açucena”, “A azeitona” e “A oliveira” não deixa de se revelar pertinente. No primeiro caso pelo valor monetário da pele do animal, e, nos restantes, pelo préstimo que têm: “Da pele... fazem-se abafos para senhoras e casacos de elevado preço.”, “tão amigos, tão úteis, tão possantes”, foi “bordão dum carpinteiro” e pode “amparar quem é velhinho”, “... serve para se deitar nas candeias e dar luz” e “Eu dou o azeite brando que tempera e que alumia; eu acendo a luz do dia”.

Para nós, mesmo as flores e os laços, que exageradamente povoam estes manuais como que em simbiose com o sexo feminino, estão ao serviço da beleza e da alegria que se pretende padronizar. Não reconhecemos, por isso, o caráter de “hedonismo gratuito” que Bívar, (1975: 131), atribui excecionalmente às flores.

Aliás, a personificação das flores prova a importância da “alegria” tão ao gosto do escol social de então, “E parece que se riem, quando ri a Teresinha”.¹³.

É a procura de utilidade que leva a menina Loló a puxar a cauda da “bichana” no texto “A gata e a boneca”. Os préstimos do cão, já enunciados no texto sobre o lobo, vão continuar a ser enaltecidos nos textos “Os Rebanhos” e “O cão”.

Até no texto “As contribuições”, um dos mais extensos do manual, o confronto de opiniões vai servir a propaganda do Estado Novo: uma estrada “lisa como uma folha de papel”, “um chafariz de duas bicas”, “um edifício novo” como escola e “serviços públicos”. Outro dever de um bom cidadão é apresentado no texto “O dia das eleições” onde o voto é condição essencial para “a protecção à escola, o arranjo das estradas e caminhos, a abertura de fontes e a construção de lavadouros”. Também a restauração da fortaleza em “O castelo de Guimarães” é obra do Estado Novo, acrescentando-se ter sido “junto das suas muralhas que se celebrou, em 1940, o ato inaugural das comemorações do 8.º Centenário da Independência de Portugal”. Aparentemente tendo como única justificação a propagandística, “Os Jerónimos” são espacialmente localizados “onde há anos se realizou a Exposição do Mundo Português”, acontecimento que volta a merecer destaque no texto “O Estado Novo”. Neste texto o discurso de propaganda atinge o seu auge ao enunciar “uma época de prosperidade e de grandeza, comparável às mais brilhantes de toda a sua história” que não esqueceu a agricultura, a indústria, o comércio, a milícia, a saúde pública, a educação, entre outros.

Tendo em conta que o diminutivo dos nomes está diretamente relacionado com a idade infantil, apercebemo-nos ser desejável ser autónomo desde muito jovem. “A Joanhinha” demonstra, desde muito nova, as qualidades psicológicas que se deseja para o sexo feminino. Como se quer, revela-se independente, trabalhadora, alegre, asseada e crente: “lava-se, penteia-se, veste-se e calça-se”, faz os trabalhos indicados pela professora e ajuda a mãe nas lidas caseiras”, “No arranjo da casa é desembaraçada, e já consegue dar beleza às coisas”, “Na cozinha faz... qualquer refeição de que todos gostam”, “muito lavada, vestido sem nódoas”, “Reza as suas orações” e só se deita “depois de se encomendar a Deus”. Nesta personagem, e para além da enumeração destas virtudes, são apresentados aspetos físicos igualmente

¹³ *O Livro da Primeira Classe* (1958). (8.ª ed.). Lisboa: Livraria Sá da Costa, p. 56.

valorizados: “olhos pretos, pele morena e cabelos lisos” e o tã em voga “laço da cabeça”.

Tal como acontece com o sexo feminino, também os rapazes imitam os progenitores e começam a prestar ajuda “nas fainas da lavoura”, in “A vida no campo”.

A modelação da criança, que se pretende à semelhança do adulto, transparece num grande número de frases como “mas logo se animava com a ideia de vir a ser, um dia, como o pai”, “Fazei-o como o pai, obediente à Vossa Lei, bom para si e útil à Pátria”, “quero ser lavrador como o meu pai”, “quero ser dona de casa como a nossa mãe!”, “Fazei como ele [bisavô], para serdes abençoados um dia” e “à mesa parecia um homem”.

Enquanto o homem passa muito tempo fora do lar a prover o sustento da família, à mulher adulta compete-lhe realizar as tarefas domésticas, zelar pelos filhos e, não raro, ajudar o marido em alguns trabalhos agrícolas. Assim acontece em “A vida no campo”, onde “a mãe lidava no amanho da terra”; em “Orgulho de mãe”, “A Maria... chegava da horta. Trazia à cabeça uma cesta com feijão verde...”; em “Serões da aldeia”, “a mãe fia o linho ou conserta as roupas”; em “As estações do ano” “a mãe estava a costurar, sentada no alpendre da casa” mas teve de “ir ver como iam os serviços da cozinha”; na primeira parte do texto “A trovoadas” a mãe interrompe as explicações sobre a velocidade do som justificando ter “de ir à cozinha” e na segunda parte, “atarefada no arranjo da cozinha”, incumbe o pai de esclarecer o filho.

A representação do papel dos pais é idêntica à de “Os passarinhos”, que “vão criando com mil cuidados os seus meninos”.

A ver por um número significativo de textos, é sinónimo de felicidade a vida na terra natal, em especial no campo, ter trabalho e uma família, se possível com muitos filhos e praticar o bem. Disso são exemplos significativos a personagem Manuel António do texto “A vida no campo”, que “tem hoje um rancho de filhos”; a resposta de Maria da Várzea à senhora de Lisboa em “Orgulho de mãe”, “com tanto trabalho e tantos filhos, sinto-me muito feliz”; “Os filhos e as canseiras... são a nossa riqueza. É por eles que somos felizes”.

O campo, enquanto elemento de comunhão entre o homem e a natureza, é apanágio de uma vida calma e sã. A vida tranquila do pastor é descrita no texto “Os Rebanhos”. Algumas contradições, que parecem ter escapado, como “a vida rude de pastores e lavradores” estão, no entanto, ladeadas de aspetos positivos de uma vida campestre.

Verificamos existir uma dicotomia entre a vida no campo e a da cidade. A primeira associa-se à beleza da paisagem, ao ar puro, ao trabalho, à alegria e ao maior número de filhos. A rudeza e o esforço físico exigido pelas atividades rurais enredam-se, por regra, com demonstrações de canto e alegria dos seus intervenientes. A ideia de felicidade que se apresenta proporcional ao número de filhos transmite-se pelos textos “Os anos da mãe”, cuja personagem principal tem quatro filhos; “Orgulho de mãe”, em que a senhora de Lisboa tem um e a da aldeia cinco; ou “O bom filho” onde a mãe “criara doze filhos”.

A quantidade de textos sobre o trabalho, e particularmente o do campo, é grande principalmente tendo em consideração a idade do público a que se destina. Exemplificam um discurso laudatório do esforço físico desenvolvido em prol da “colectividade” frases como “A labuta não as cansa”, “Todo o trabalho... dá saúde e alegria, mormente o que se faz ao ar livre”, “na paz de consciência dos que bem trabalharam para a merecer”. O esforço físico que certas atividades agrícolas exigem não deixa de ser referido mas surge sempre como a necessidade e a alegria de um dever cumprido. “Os Ceifeiros” que “levam todo o dia debruçados sobre o trigo...”, onde “o próprio ar parece de fogo”, são apresentados como um exemplo já que “nem sombra de tristeza se lhes descobre”. “Homens e mulheres entram nos vinhedos com redobrada alegria” para confirmar que “As Vindimas” são “o trabalho mais alegre das fainas agrícolas” pois “não há cansaço que diminua o entusiasmo de todos” e “nem por isso deixa de haver alegria” se as abelhas “enterram o ferrão”.

O trabalho dignifica o homem motivo pelo qual o emigrante minhoto, quando vai para a Argentina, sonha enriquecer mas “Deus o livrasse de seguir por outros caminhos que não fossem os da honra e do trabalho”.

“O Povo português” é um texto da terceira classe que expõe como que uma síntese das principais virtudes, as quais caracterizam os portugueses em conformidade com a região a que pertencem. Diz-se que o minhoto é “alegre, laborioso, pacífico e poupado”; o transmontano “é forte, duro desembaraçado,

independente e hospitaleiro”; o beirão é “poupado e trabalhador”; o ribatejano é “independente, corajoso e leal”; o alentejano “é hospitaleiro”; e o algarvio é “alegre, mais vivo, bom negociante e bom marinheiro”. A frase “Por toda a terra portuguesa há costumes tradicionais em que se reflecte a bondade da nossa gente... da nossa simplicidade”, no último parágrafo do texto “A Bilha de Água”, faz passar um discurso encomiástico que implica todos os portugueses.

“Não guardes para amanhã o que podes fazer hoje” passa a ser um adágio perante a desgraça de quem não o segue no texto “Um bom conselho”.

A alegria é, muitas vezes, exteriorizada através do canto: “ouvia a voz do pai a cantar atrás dos bois”, “raparigas alegres, muito amigas de cantar”, “levam o dia a cantar ao desafio”, “voltam para casa ainda a rir e a cantar”, “os homens encarregados de tal serviço [regar] costumam levar o dia cantando” e “a alegria com que atiram para o ar as suas cantigas, fazem-nos crer na sua felicidade”.

Apresenta-se como aspeto inovador deste manual a introdução de textos, em número significativo, sobre personagens, monumentos ou acontecimentos da história de Portugal considerados então relevantes. “O castelo de Guimarães” é o primeiro do género certamente por ser o berço da nacionalidade e simbolizar a valentia e heroicidade do primeiro rei de Portugal. Posteriormente, retomam-se as façanhas de “D. Afonso Henriques”, no texto com esse nome. Dentre o mesmo género de textos que narram feitos gloriosos do povo português, sucedem-se “O Castelo de S. Jorge”, “A conquista de Lisboa”, “O Mosteiro de Alcobaça”, “O que dizem os nossos monumentos”, “O Rei D. Dinis”, “Deuladeu Martins”, “O alcaide do castelo de Faria”, “D. João I e o Condestável”, “A Batalha”, “Conquistas e Descobrimientos”, “O infante D. Henrique”, “O Infante Santo”, “Os Jerónimos”, “Pedro Álvares Cabral”, “Afonso de Albuquerque”, “Camões”, “A Restauração” e “O Terreiro do Paço e os seus monumentos”.

Para chegarmos à Índia por mar é condição *sine qua non* “o heroísmo, a fé e a ciência de Vasco da Gama”, segundo o texto com o nome deste herói. Os adjetivos com que “O Mar” é descrito e frases como “Fomos nós, Portugueses, quem mais afrontou os perigos do mar” ou “Dentro delas [caravelas], os nossos antepassados, por serem corajosos e fortes, abriram caminhos por mares desconhecidos, vencendo o ímpeto das ondas” servem igualmente o propósito de elevar os feitos do povo português.

Para levar os contemporâneos a tomá-los como exemplos, caracterizam-se os antepassados como um povo dotado, trabalhador e cristão que foi capaz de enfrentar privações. É o que acontece em “O que dizem os nossos monumentos”, quando estes surgem personificados e “falam do que tem sido, pelos séculos fora, a vida do povo português, com o seu trabalho, a sua arte, o seu sacrifício e a sua fé.” .

O respeito e a obediência pelos superiores são virtudes igualmente exaltadas em textos como “O alcaide do castelo de Faria” e “Afonso de Albuquerque”.

A ideologia salazarista serve-se do enaltecimento de Portugal e dos seus heróis para incutir em cada “homem novo” o amor à Pátria, “Aprendamos a lição do seu esforço, para amar e servir, como eles, a nossa querida Pátria”, e apresenta provas já dadas desse amor como é o caso “da obra sem par”, *Os Lusíadas*, que Camões decide “ofertar à Pátria como dom de preço inestimável”. O poema “Portugal” exalta lavradores, poetas e navegadores a elevar a nação de que devem orgulhar-se.

Deparamo-nos também com textos sobre a situação geográfica de Portugal que, simultaneamente, valorizam o país enquanto “Império” “em quase todas as partes do mundo” como é o caso do texto “Portugal é grande”, do final do texto “Conquistas e Descobrimentos” e “As actuais colónias portuguesas são pequena parcela das imensas terras que conquistámos ou descobrimos”. Não deixa de ser interessante, no entanto, reparar que, no texto “Camões”, apesar da heroicidade e das “façanhas” dos portugueses ser enunciada, a frase “quanto fizemos de sublime na Terra Portuguesa e pelos mais dilatados confins do mundo” não sedimenta a noção de império.

Mesmo em alguns dos textos cujos temas estão diretamente relacionados com conteúdos científicos, descobrimos algumas das representações enunciadas. Assim, os textos “Serras de Portugal”, “Rios de Portugal”, “A serra da Estrela”, “As terras e as águas”, “Os movimentos da Terra” e “Os astros” são lições de geografia e de ciências que não deixam de remeter para outras aprendizagens úteis: “monumentos nacionais de grande valor”, algumas noções de economia e atitudes corretas de um bom aluno.

A representação que se faz do povo português como cristão contribui para o elevado número de frases em que se destaca o prestígio da fé: “Vencem as armas de

Cristo!”, “Uma cruz a assinalar/Que Lisboa é dos cristãos”, “a vida do povo português, com o seu trabalho, a sua arte, o seu sacrifício e a sua fé”, “Vamos dar graças a Deus”, “Esta empresa dos Descobrimentos foi a maior que se realizou no mundo para a dilatação da Fé e da civilização cristã”, entre muitas outras.

A forma como termina o texto “A rainha e a sua escrava”, “Meteram-se num mosteiro,/Ambas professam num dia”, comprova também essa religiosidade. O desfecho de “O bom filho” exhibe “o pai, a dar graças a Deus por lhe ter dado aquele filho, e o filho a pedir a Deus saúde e vida para poder olhar pelo pai”.

O texto “Serões da aldeia”, onde se pode ler que “Comida a ceia, avós, pais e filhos dão graças a Deus” e “cada um recolhe-se ao seu quarto, encomenda-se a Deus e mete-se na cama”, é o retrato de um número significativo de famílias portuguesas dos anos vinte a cinquenta do século passado que o regime pretendia preservar.

Sente-se a necessidade de testemunhar que as provas de fé e de gratidão vêm desde os primórdios da nacionalidade portuguesa e são transversais às diferentes classes sociais: o mosteiro de Alcobaça foi fundado por “D. Afonso Henriques... em acção de graças pela conquista de Santarém”; a “ermida dedicada a Nossa Senhora de Belém” foi mandada construir pelo infante D. Henrique; e às ordens de D. Manuel, “começou a construir-se... o maravilhoso monumento que ficou a perpetuar a empresa dos Descobrimentos”. Em dois textos, “D. João I e o Condestável” e “A Bilha de Água”, patenteia-se a justificação que levou D. João I a mandar construir o mosteiro da Batalha: “como preito de gratidão a Deus e à Virgem Maria” e “em cumprimento do voto feito à Virgem Maria”.

Apesar da existência de uma segunda e última parte dedicada exclusivamente ao tema “Doutrina Cristã”, o nosso *corpus* inclui alguns textos de temática religiosa onde o poder divino é extremado: “Jesus e a tempestade”, “A vocação da cerejeira”, “A barca bela”.

Com carácter moralizante encontramos igualmente textos como “O Automóvel, o Trem e o Avião”, “A libelinha e as folhas do nenúfar”, “O cavalo e o leão” e “A sentença de Salomão”.

A bandeira, a cruz e as cinco quinas das armas de Portugal, elementos simbólicos a preservar na representação da nação, e já utilizados enquanto imagens, povoam também o *corpus* textual. Em “A conquista de Lisboa” “a bandeira da

mourisma vai pelo chão a arrastar” enquanto “lá na torre mais alta,/Uma cruz a assinalar/Que Lisboa é dos cristãos”. No texto “O significado da nossa bandeira” compreende-se o valor conferido a este elemento simbólico que “diz a todos os portugueses que acima das nossas vidas, das nossas famílias, das nossas paixões e interesses, está a Pátria pela qual tantas gerações se sacrificaram”. É essencialmente o peso conferido a este ícone perante o qual se exige “o amor e sacrifício que nós lhe consagramos” que, associado às duas frases no modo imperativo, servem a imposição de defender a família e a pátria “até à morte”. No texto “As cores da bandeira nacional”, um dos últimos do manual, “as festas centenárias” são a referência temporal utilizada para, metaforizando com as mudanças de cor na natureza, se explicar a evolução diacrónica daquele símbolo nacional. O recurso à comparação da bandeira com o vestuário da mãe ou com a transformação dos campos de acordo com a estação do ano são utilizados com o mesmo intuito: “ficaram sempre as quinas de Portugal, como no peito da tua mãe fica sempre o coração, e no rosto ficam os seus olhos”. Aqui é o adjetivo “maus” que designa “os que lhe faltam ao respeito”.

Em “A bela Infanta” um dos sinais que servem a identificação do marido é dizer que “Na ponta da sua lança/A cruz de Cristo levava”. Na lenda “A laranjeira de Santa Isabel” o milagre e a caridade conjugam-se com “as cinco quinas das armas de Portugal”. Em “Deuladeu Martins”, onde Monção é salva do cerco galego, foi a vila que “gravou a memória do feito no seu brasão de armas”. Através do texto “A Bilha de Água”, ficamos a saber que no local onde “o Condestável D. Nuno assentou a sua bandeira, para a batalha que travou com os castelhanos”, foi edificada a capela de S. Jorge.

Destacamos textos como “O Chefe do Estado” e “O Governo da Nação” por sintetizarem, relacionarem e hierarquizarem algumas das “virtudes” da ideologia salazarista. No primeiro, a comparação feita entre pátria e família, “A nossa Pátria é uma grande família formada por todos os portugueses, sem distinção de lugares ou de raças”, justifica a necessidade de um chefe. Nova comparação, agora entre pai, que “tem de ser querido, respeitado e obedecido pelos filhos”, e o “Chefe da grande Família Portuguesa”, aliam-se ao modo imperativo com que o texto termina para a consciencialização dos deveres. No segundo texto, e novamente de forma subtil, o dever de “respeito e obediência” é alargado à lei e ao Governo.

Segunda parte: Doutrina Cristã

A página cento e oitenta e cinco ocorre como um separador introdutório de um conjunto de textos e imagens de índole religiosos no qual se pode ler “Doutrina Cristã”. No verso desta, temos um texto que, remetendo para o conteúdo doutrinário do manual da 2.^a classe que terminara com a promessa de Deus a Adão e Eva de enviar o seu filho ao mundo, propõe uma introdução do *Evangelho*.

Esta segunda e última parte é composta por catorze textos principais e nove questionários de pergunta e resposta que se distribuem por quatro temas: “Nascimento, infância, e vida oculta de Jesus Cristo”, “Vida pública de Jesus Cristo”, “Vida gloriosa de Nosso Senhor Jesus Cristo” e “Paixão e morte de Jesus Cristo”.

Contrariamente aos dois outros manuais estudados, o conteúdo imagético que marca o início de cada um destes quatro temas não se repete. Posicionados diferentemente e com contornos bem definidos, encontramos anjos, nuvens, astros e a estrela solar a enquadrar, sucessivamente, como figuras centrais, Deus, Jesus Cristo rodeado de duas crianças de sexos diferentes, Nossa Senhora e uma pomba.

A última página escrita tem o número duzentos e treze e encerra o livro com a palavra “Fim” aposta à frase “Hei-de ter sempre na lembrança que, a partir dos sete anos, todos os cristãos são obrigados a ouvir Missa inteira aos Domingos e Festas de Guarda.”.

5. Valores positivados e sua fixação

«les manuels, forme intermédiaire de transmission entre enseignant et apprenant, peuvent donner un éclairage pertinent sur les savoirs qu’une société juge utile de transmettre, mais aussi sur les idées, les préjugés, les représentations véhiculées par cette société et sous-jacentes aux choix des connaissances transmises.»

Verdelhan-Bourgade (2007 : 7)

Diríamos que a “chave” para a interiorização da ideologia salazarista, ou seja para a “construção do homem novo”, está delineada no Decreto-Lei n.º 21014, de 21 de março de 1932. Neste decreto distinguem-se objetivos de ensino, “ensinamentos de ordem moral e patriótica”, e a forma como se pretende transmiti-los, “*frases curtas, fáceis de compreender e de reter*”. Ao lermos, em anexo ao decreto, os

“trechos”¹⁴ que deverão, obrigatoriamente, integrar os livros de leitura adotados oficialmente para a 4.^a classe do ensino primário elementar, percebemos que a elaboração destes manuais únicos teve de ser um processo moroso e cuidadosamente pensado.

Para além de muitas outras, não deixa de ser interessante verificar a existência, no referido decreto, de frases da autoria do próprio chefe do Governo nas quais é patente a “obrigação de sacrificar tudo por todos” e pela pátria; a necessidade de obediência; a hierarquização do mando na família, na escola e no país; a aversão ao “barulho”; e a ideia de que “Portugal pode ser, se nós quisermos, uma grande e próspera nação”.

Pela sua anterioridade, consideramos os *Discursos*, proferidos desde 1928, como um dos elementos fundamentais da ideologia salazarista. Neles se encontram amiúde palavras como sacrifício, patriotismo, obedecer e família. O próprio estadista começa por se apresentar como um exemplo de saber, inteligência e honestidade, “disposto a todos os sacrifícios necessários” para exigir que o povo lhe “obedeça” na consecução dos seus ideais.

“Obedece e saberás mandar”, “Mandar não é escravizar: é dirigir. Quanto mais fácil for a obediência, mais suave é o mando” e “Se tu soubesses o que custa mandar: gostarias mais de obedecer toda a vida” são máximas que constam do anexo ao decreto atrás referido e encontramos-as expostas num número significativo de textos dos manuais estudados. Entre estes, destacamos “Quando os meninos são bons”, “O Carlinhos”, “Menina de bom coração” e “Respeitai as autoridades”, em *O Livro da Primeira Classe*, “Aprender a ser homem”, em *O Livro da Segunda Classe*, e “O Chefe do Estado” e “O Governo da Nação”, que constam de *O Livro da Terceira Classe*.

“A tua Pátria é a mais linda de todas as Pátrias: merece todos os teus sacrifícios” é um dos “trechos” que serve a valorização da Pátria enquanto nação independente. Nos manuais da primeira e segunda classe, esta valorização manifesta-se apenas, respetivamente, nos textos “O Carlinhos” e “A família”. A terceira classe revela-se decisiva à interiorização desta máxima. Para além das trinta e quatro ocorrências da palavra no manual, o teor das frases “acima das nossas vidas, das

¹⁴ De acordo com o Decreto-Lei n.º 21014, de 21 de março de 1932.

nossas famílias, das nossas paixões e interesses, está a Pátria pela qual tantas gerações se sacrificaram” e “Não há no mundo gente mais amiga da sua Pátria que os Portugueses”, lidas, respetivamente, nos textos “O significado da nossa bandeira” e “O relógio da saudade”.

“Na família, o chefe é o Pai; na escola, o chefe é o Mestre; no Estado, o chefe é o Governo” é uma máxima que exalta a hierarquização evidente em textos como “Respeitai as autoridades” e “O pescador”, na primeira classe, “A freguesia” e “O enxame das abelhas”, na segunda. Contudo, são textos como “O Governo da Nação” e “O Governo da Nação”, do livro da terceira classe, que melhor a sintetizam.

Textos como, por exemplo, “A Família”, “O Avô”, “Conte uma história avozinha”, “Dai alegria à vossa Mãe”, “O pescador”, “A cabrinha branca” e “O que os passarinhos dizem”, de *O Livro da Primeira Classe*, “A minha mãe”, “Cuidados de irmã”, “Coragem e dedicação”, “A família”, “O meu pai” e “O avô e o neto”, de *O Livro da Segunda Classe*, “Os anos da mãe”, “O meu Pai”, “Orgulho de mãe” e “O bom filho”, do *Livro de Leitura da Terceira Classe*, promovem uma das trilogias salazaristas, o valor da união familiar, e integram a máxima “Honra em tudo e por tudo teu Pai e a tua Mãe”.

A máxima “Respeita a velhice: ela é depositária da experiência” está bem patente nos textos “Conte uma história Avozinha”, no manual da primeira classe, e “O avô e o neto” e “Adágios populares”, no da segunda. No livro da terceira classe existem inúmeras frases que o comprovam: “ouvindo contar aos velhos guerreiros as suas proezas” e “se a avó não está disposta a contar mais contos”. Textos há também em que o respeito e o auxílio pela velhice são enaltecidos ou encorajados como “O Jorge”, “A caridade”, “A açucena”, “O bom filho”. O texto “O Automóvel, o Trem e o Avião” servem a moral que a vida é passageira e que devemos respeito os velhos porque também nós o seremos um dia.

“No barulho ninguém se entende, é por isso que na Revolução ninguém se respeita” é outra máxima recorrentemente tratada em textos do primeiro manual de que são exemplos “Como nos devemos portar na escola”, “Dai alegria à vossa Mãe” e “A oração de uma menina”. No segundo manual, o texto “O avô e o neto” revela como as crianças “corriam em bicos de pés” para não incomodar o avô e como o barulho, embora esporádico, prossegue negativamente conotado através do adjetivo na frase “quando algum dos mais teimosos fazia barulho”, logo atenuado pela “voz

meiga” do “netinho mais novo” dizendo eu “canto a chamar-lhe o sono” e assim, o adormecia “na mesma cantiga com que o embalavam a ele”. Na terceira classe, a referência à prática letiva, em textos como “A felicidade pelo estudo”, “As terras e as águas”, “Na aula de trabalhos femininos” e “No fim da aula”, demonstra que a máxima já estaria interiorizada e que, agora, o professor procura a excelência, “só gosto do que é bem feito”. Todavia, o silêncio surge como “divino” no texto “A morte da princesa” e exige-se como condição necessária ao descanso em “Serões da província”. “O Jorge” é um texto onde esta personagem é elogiada pelo professor porque “só falava se o interrogavam ou se a conversa lhe dizia directamente respeito”.

Em *O Livro da Primeira Classe* encontramos como textos exemplificativos da máxima “Estuda e faze-te homem, para poderes ter opinião que os outros oiçam”: “O Carlinhos”, “Dai alegria à vossa Mãe” (“pega nos livros e estuda, para vires a ser homem”), “O triciclo” e “O seu a seu dono”; no da segunda “Os primeiros passos”, “Saber ler”, “Como pobre de pedir”, “A alegria de saber” e “Aprender a ser homem”, (“É para aprender a ser homem que venho à escola”); e no da terceira “A felicidade pelo estudo”, “As terras e as águas”, “No fim da aula” e “A Joaquina”, enquanto exemplo de um bom aluno.

Através da mediação entre o presente e o passado, procuraremos compreender e descrever as representações (masculina e feminina) idealizadas. A um regime político ditatorial convinha homens trabalhadores, que respeitassem a Lei e se sacrificassem pela pátria e pela família. Por seu lado, a mulher devia sacrificar-se pela sua família, ser obediente e uma “boa dona de casa”. O próprio Presidente do Conselho, no seu discurso de 16 de março de 1933, referindo-se aos conceitos económicos da nova Constituição faz uma representação da família ideal e revela a sua apreensão pelo facto de a mulher trabalhar “fora do lar” pois, segundo ele, isso “desagrega este, separa os membros da família, torna-os um pouco estranhos uns aos outros” e diminui a natalidade. Reserva assim para o sexo feminino “a obra educativa das crianças”, a “economia doméstica”, o “arranjo da casa” e o “preparo da alimentação e do vestuário”. A criança devia, desde muito cedo, aprender as tarefas específicas do seu sexo o que implicava obediência, trabalho ou estudo e autonomia. Os exemplos encontrados no *corpus* não estarão afastados da realidade de então: “um rapazote dos seus catorze anos” a trabalhar com bois e uma menina de oito anos que

“vai... de cesto à cabeça, levar o jantar ao pai” e “está contente com o seu primeiro trabalho”. A preocupação de que todos trabalhem arduamente mostrando alegria e felicidade é passada através destes manuais pelo número de textos e pela ocorrência dessas palavras, conforme anexo 15. Comprovando a existência de uma ação concertada de vários organismos ao serviço da ideologia salazarista, encontramos, neste caso e dirigida aos adultos, a FNAT, Federação Nacional para a Alegria no Trabalho.

Contrastando com o êxodo do campo para a cidade, a que se assiste no país a partir da primeira metade do século passado, nos manuais estudados nota-se a apologia de uma vida rural simples e saudável. Numa grande maioria dos textos do nosso *corpus* encontramos, descritas e valorizadas, uma diversidade de tarefas agrícolas. Contrariamente, muito pouco nos é dado a conhecer sobre a vida urbana para além da existência de “grandes fábricas de lanifícios” e de ser um local “onde há poeiras, fumo de fábricas, mil impurezas e muitas doenças, os ares não são tão lavados e sadios como os dos campos e das serras”. A felicidade surge associada à beleza da paisagem e à força de braços que se exige ao trabalho campestre. A análise imagética corrobora o que temos vindo a afirmar na medida em que também há pouquíssimas imagens em representação da vida citadina e esses casos surgem, a preto e cinzento, anexo 24, conotados com nevoeiro, mau tempo ou alguma poluição, contrastando com as cores vivas e brilhantes que exemplificam a ruralidade.

Como tem vindo a ser demonstrado, a economia textual é conseguida não só pelo tipo de linguagem utilizado mas também pela relação que se cria entre diferentes “virtudes” exponenciadas no mesmo texto. O estudo exige-se “para ser homem” e para governar melhor: assim se compreende que um lavrador transmontano pague cinquenta escudos ao advogado, valor exorbitante à época, por “Um bom conselho” porque o “Sr. Doutor, que andou a estudar lá por Coimbra, deve saber melhor do que eu. Eu queria um conselho para governar bem a minha vida.”

Maioritariamente, as qualidades e os comportamentos que se pretendem mimetizados ou, como diz Bernardo (2013: 425), “a incorporação de comportamentos normalizados e de valores padronizados” são apresentados através da frase afirmativa embora não seja de descuidar o poder de algumas frases negativas, principalmente quando associadas ao imperativo ou ao presente do conjuntivo com valor de imperativo. O *Livro da Primeira Classe* tem como exemplos: “Não deixes

cair o meu filhinho! Não o abandones!”, “Não façais barulho.”, “Não deiteis papéis para o chão. Não risqueis as carteiras, nem sujeis as paredes.” e “Não tenhas medo!”. “Não custa nada.” é uma outra frase importante que, quanto a nós, promove a interiorização da mensagem e a concretização das ações.

Como se pode confirmar pelos anexos 15, 18, 19 e 20, a utilização do verbo dever e do respetivo nome derivado por conversão desempenham um papel precioso na afirmação perentória dos deveres que se impõem. É igualmente notória a falta de equilíbrio entre a utilização de palavras relacionadas com os deveres, por oposição, com os direitos. Estes últimos introduzem-se no manual da terceira classe, no texto “O Governo da Nação”. Surgem em pouquíssimas frases e associados a ordem e obediência. A primeira ocorrência do vocábulo serve essencialmente a publicitação ou o amedrontar através da utilização do advérbio de negação que surge associado aos agentes da autoridade, “nunca faltam autoridades para manter a ordem e defender os nossos direitos”, e a segunda para demonstrar “união” face à grandeza e heroicidade da Pátria, “todos obedecem à mesma lei e gozam dos mesmos direitos que nós”.

Como coadjuvante temos a adjetivação que é propositadamente escolhida segundo as ações a modelar: “bom para si e útil à Pátria.”, “hás-de ser boa dona de casa”, “Como sois boas!”, “a boa avozinha”, “são tão boas essas meninas!”, “deu um bom exemplo de coragem e de amor fraternal”, “Que gente boa e valente!”, “a boa ação do Carlos”, “é bom amigo”, “tem bom coração.”, “Pois é bom saberes.”, “bom filho”, “aceitar com a maior boa vontade todos os incómodos e sacrifícios” e “Os patrões e operários entraram em boas relações”. Tendo em consideração a diferença significativa com que ocorre o adjetivo bom (sessenta e cinco vezes)¹⁵ e o seu antónimo (dez vezes), podemos dizer que as atitudes positivadas são apresentadas, no nosso *corpus*, como arquétipos comportamentais do ideário salazarista que o “homem novo” deve assimilar.

Tendo em consideração a quantidade de textos analisados e, principalmente, o número de palavras, verificamos que no manual da segunda classe, comparativamente com o da primeira, as frases imperativas diminuem notando-se, em oposição, um aumento do pretérito imperfeito do indicativo, tempo que serve a descrição, a caracterização e a continuidade da ação. É desta forma que textos como

¹⁵ Conforme Anexo 14

“O avô e o neto”, “A casa nova”, “Como pobre de pedir”, “Seres da natureza” e “O enxame de abelhas” se nos assemelham a imagens em movimento. No caso dos textos “Os camponeses” e “A ceifa”, este último tempo verbal associa-se à adjetivação para melhor caracterização de espaços físicos. Intensifica-se igualmente o uso do gerúndio e da conjugação perifrástica ao mesmo tempo que o futuro simples é preterido pelo futuro próximo. A continuidade da ação é deste modo conseguida e, com a leitura de alguns textos, perpassam pelo nosso imaginário imagens dignas de tela ou de filme como “A minha mãe”, “A lebre e o sapo-concho”, “A alegria de saber”, estes dois últimos enriquecidos pelo discurso direto. Naturalmente, como seria de esperar, ao longo dos três anos de escolaridade vão, progressivamente, sendo incluídos outros tempos verbais, nomeadamente os compostos, e a frase na forma passiva.

Como vimos, um bom aluno teria, no final da primeira classe e ao mesmo tempo que aprendera a ler e a contar, apreendido a quase totalidade dos valores que se pretendia “ensinar”. Tendo em conta o anexo 3, onde a frequência de vocábulos relacionados com a temática religiosa é demasiado elevada, diria que, na segunda classe, para além da consolidação de conhecimentos, o próprio *corpus* textual privilegiava os conteúdos da “Doutrina Cristã”. Seguindo os mesmos indicadores e a ver pelos anexos 4 e 7, na terceira classe deveria centrar-se a atenção na inculcação do patriotismo e do amor à terra, para além dos conteúdos de história, geografia e ciências que vão sendo insertas de forma interdisciplinar e prática. Aqui, e de acordo com o anexo 18, a análise imagética corrobora o pendor patriótico deste último manual pela frequência de imagens com bandeiras.

A ver pelos anexos 13 e 15, a ausência nos dois primeiros manuais ou o aumento progressivo de palavras como “saúde/saudável”, “doença/doente”, “sacrifício”, “dinheiro”, “sacrificar” e “trabalhar” espelham a mentalidade esperada numa terceira classe. Também o enfoque dado aos elementos da trilogia “Deus, Pátria, Família” não nos parece ser idêntico nos três anos de escolaridade. Inicialmente, ocorre a necessidade de disciplinar e fazer obedecer às hierarquias para, após a aceitação da existência de Deus, se conseguir a submissão e a aceitação da imolação em prol da Nação, anexo 4.

Pelo exposto, os manuais únicos mostraram-se uma ferramenta essencial aos propósitos do Estado Novo. A rentabilização dos mesmos foi conseguida na medida

em que cada texto trabalha o enaltecimento de vários valores. Para além do conteúdo dos textos, devemos também atentar na forma da escrita. A empatia que se procura criar no leitor é dada pela proximidade das personagens que são maioritariamente infantis, pela quantidade de verbos no imperativo, pela adjetivação positiva que se pretende associar a determinadas atitudes e comportamentos e, essencialmente, pela linguagem subversivamente meiga que é utilizada na interpelação do destinatário. O elevado número de diminutivos que podem ser encontrados no *corpus* textual para cativar o leitor, associados à frequência com que ocorre o verbo “dever, ajudam a passar ordens como “dai alegria”, “sede carinhosos”, “fazei o que vos mandam”, “Não façais barulho”, “Dizei a verdade”, “Respeitai as autoridades”, (*O Livro da Primeira Classe*), “Paguemos-lhe amor com amor. Façamos em tudo a sua vontade. Estudemos. Rezemos. Sejamos bons.”, “Nunca se faça/Mal a um ninho”, “Apresentem-se constantemente alegres e sempre carinhosas... Sejam cuidadosas com as roupas, com os livros... Ajudem sua mãe a tratar dos serviços domésticos...”, (*O Livro da Segunda Classe*), “Defendei, até à morte, a vida e a honra das vossas famílias e da vossa terra.”, “saudai-o respeitosamente, vendo nele o Chefe Supremo da Nação”, (*O Livro da Terceira Classe*), entre muitas outras.

Não consideramos de somenos importância as personagens apresentadas como exemplos a seguir. Enquanto no manual da terceira classe abunda um manancial de personagens da história e da cultura portuguesa e os seus feitos heroicos, nos dois anteriores vemos, maioritariamente, personagens desconhecidas. Apesar disso, o objetivo de “colagem” entre estas e o público-alvo é conseguida através de várias técnicas de aproximação: o diminutivo do nome das personagens mais novas, a atribuição de um nome à sua grande maioria, o perpassar por mais do que um texto ou mesmo mais do que um dos manuais, como é o caso do “Joãozinho” e da “Maria de Fátima”, e a valorização positivada das ações que se pretendia ver mimetizadas ou a adjetivação negativa aposta a personagens que não seguiam a “moda” pretendida e que são alvo de exclusão social ou de desgraça.

Claro que a teoria exposta, que tem em conta a análise integral do *corpus* textual dos manuais, pode ter sofrido ligeiras oscilações face ao cumprimento do programa e à seleção dos textos efetuada pelos professores. Todavia, acreditamos que o não cumprimento do programa seria a exceção à regra e o facto de alguns textos não serem trabalhados em sala de aula não inviabilizava que, minimamente,

fosse lido em casa. Para além disto, a frequência com que encontramos algumas “máximas” num mesmo texto bem como ao longo de vários outros faz com que esta situação não altere significativamente o nosso estudo.

Não era nosso propósito, nem teríamos oportunidade em tão curto espaço de tempo, fazer uma estudo comparativo com os atuais manuais do ensino básico. No entanto, não quisemos deixar de lançar um breve olhar por um¹⁶ deles. Numa análise muito superficial, e descurando a grande alteração dos Programas que sabemos ter existido, verificamos uma recente preocupação imagética, uma enorme variedade e constância de denominações de animais nos textos mas, por outro lado, praticamente a inexistência de diminutivos e do vocativo. Depois disto, e relativamente à elevada frequência de diminutivos nos nossos manuais únicos, conforme anexo 17, que, inicialmente, pensámos poder justificar unicamente pelo nível etário dos alunos, cremos ser um dos fatores de adesão dos seus leitores. Naturalmente, também contribuíram a frequência de interpelações do leitor através da utilização do vocativo (“olhai, meus queridos meninos, que esta lição vem a jeito. Devemos, de pequeninos, fazer tudo bem feito, apuradinho e perfeito.”) e os possessivos, em especial na primeira pessoa do plural, conforme Anexo 14.

O longo período de vigência destes manuais, a importância que se lhes conferiu numa época em que os livros escasseavam na grande maioria dos lares portugueses, a temática de muitos textos facilitar o diálogo geracional e o caráter saudosista do ser humano serão outros tantos fatores decisivos para justificar que ainda hoje continuem a merecer um lugar especial na memória daqueles que por eles tenham estudado.

Para além desta confirmação, o seu estudo permitiu-nos recolher informações pertinentes sobre os ideais e os preconceitos veiculados durante o período em que vigoraram e compreender como se “constrói” a educação de um cidadão. Porque, como afirma Verdelhan-Bourgade (2007 :9), “*Une société qui bâtit ses propres manuels y insuffle ses valeurs traditionnelles... autant que ses savoirs*”, consideramos que muitos aspetos de ordem cultural, linguística, histórica, política, moral, entre outras, podem e merecem ser estudados através destas obras de arte da cultura de um povo.

¹⁶ PEREIRA, Cláudia., BORGES, I., RODRIGUES, A. & AZEVEDO, L. (2007). *Língua Portuguesa I*. Porto: Areal Editores.

6. CONCLUSÃO

Não tendo sido possível aprofundar as orientações transmitidas pela tutela aos docentes do Estado Novo, constatamos que estes profissionais gozaram, contudo, de alguma liberdade na formulação das perguntas sobre os textos e na escolha sequencial dos mesmos. Pelo exposto e reconhecendo-lhes a impossibilidade de se servirem de outros manuais, conclui-se que isso não altera os resultados deste trabalho. A eventual decisão do docente de não “trabalhar” alguns textos dificilmente comprometeria os valores da ideologia salazarista uma vez que os mesmos são recorrentes ao longo dos manuais.

Por outro lado, a imagem que se tem do manual nem sempre corresponde tão positivamente à que se tem do(s) professor(es). Enquanto os alunos revelam uma boa receptividade ao manual, o mesmo não se pode generalizar quanto à relação que estabeleceram com a autoridade do docente. Todos conhecemos casos em que este último é recordado de forma pouco positiva. O caráter autoritário e violento do docente está, muitas vezes, na origem do conflito e da rejeição pela escola por parte do aluno. Acreditamos que muitos dos pais que usavam de violência física contra a criança tenham transferido esse poder para o professor. Em 1912, o próprio Salazar, em Conferência de Imprensa, preconiza em relação às crianças *“que se não levam pela persuasão e pela confiança, precisam de um pouco de severidade, de serem dominados pelo temor. A correção é muitas vezes necessária; o castigo impõe-se como uma necessidade”*.

Muitos de nós ainda recordam a violência inerente às reguadas, ao ponteiro ou às “orelhas de burro” que vivenciaram ou puderam observar. A aplicação do castigo, sempre que o aluno não apreendia os conteúdos programáticos ou não interiorizava as regras comportamentais, coube ao professor que passou a ser visto como “o carrasco”. Assim, enquanto o professor ficou com o papel punitivo, o manual era o “amigo” com quem se podia “aprender a ler e a contar”, aquele que poderia permitir alguma promoção social, como acontecera com um menino de Santa Comba Dão nascido em 1889. Nesse tempo, todos conheciam alguém que, após o exame da instrução primária, tinha conseguido um emprego no comércio ou na indústria que lhe permitira uma vida um pouco melhor, de que é exemplo o texto do manual da segunda classe, “Merecida recompensa”.

Por tudo o que ficou exposto, se demonstra ter havido uma intensão concertada no sentido de levar a adotar atitudes e valores atinentes com a ideologia do regime, ou seja, com os interesses da elite, ao mesmo tempo que se veiculavam conhecimentos. Todavia, a “obrigatoriedade” do manual à época para todo o ensino elementar público e privado não levou à sua rejeição posterior e, antes pelo contrário, presenciamos expressões de apreço e saudade e assistimos à sua reimpressão, pela Editora Educação Nacional, em finais do século XX, volvidos mais de cinquenta anos em relação à primeira edição.

Por outro lado e enquanto professores, não continuamos hoje em dia a procurar desenvolver nos alunos atitudes e valores para além das competências inerentes às diversas disciplinas? A grande diferença aparenta estar na atual falta de um projeto concreto, consequência das constantes reformas educativas que temos vindo a assistir desde o 25 de Abril. Cada vez se revela mais difícil conciliar a valoração da liberdade, do respeito e da autonomia, entre outros, com a massificação de uma escola que se pretende inclusiva. A suspeição e exigência dos pais face à escola, que lhes serve cada vez mais como “fiel” depositário dos filhos, a sua falta de tempo e a ausência de comunicação entre ambos, mesmo em presença, fazem o resto.

Voltando aos nossos manuais em análise, diríamos existirem vários fatores para explicar a aceitação pacífica pelos alunos da submissão promovida pelos mesmos. Destacamos a concertação de diferentes “aparelhos ideológicos de Estado”, (a família, a escola, a igreja), a promoção social que o conhecimento facultava, as temáticas selecionadas para os manuais servirem a união familiar e a forma como se estabelece a relação entre o livro e o seu público. A afabilidade linguística criada pela utilização dos diminutivos, a adjetivação positiva, o elogio dos comportamentos corretos e as frases curtas e simples revelam ter criado elos de amizade com o leitor que os anos não conseguiram quebrar.

Aproveitando palavras de Bernardo (2013: 415), conclui-se que os manuais estudados defendem “*uma constelação de ideias/valores, relativamente estável na forma do que cabe designar como ideário republicano*”. Considera-se, no entanto, que o laicismo, com o significado que lhe é atribuído a partir do século XX, de igualdade de tratamento de todas as religiões, foi habilmente preterido em favor de um favorecimento da religião católica pelo governo face ao papel desempenhado pela igreja enquanto “aparelho ideológico de Estado”.

Tendo em vista a formação do cidadão que se pretendia então criar, a “obra” revela-se “*apta a preparar o indivíduo para as três esferas da convivência: o trabalho, a cidadania e a humanidade*”, Bernardo (2013: 415).

Estes três manuais do ensino primário elementar, que pretendem ensinar a “ser Homem”, positivam conhecimentos de “*diferentes áreas do saber*” e validam “*o tradicional esquema dualista corpo/espírito que remete para a esfera do imaterial os valores supremos*”, Bernardo (2013: 421). O nosso *corpus* mostrou-nos como o patriotismo, o respeito, a obediência, a verdade e a caridade justificavam todo o sacrifício e trabalho exigidos.

A validade do que se expõe é confirmada pela tipologia de um *corpus* documental significativo no qual sobressai a elevação moral de todos aqueles que interiorizavam os saberes por ele veiculados. O projeto de implementação de cada manual, o seu longo período de vigência, o facto de ser dos poucos livros a entrar em muitos dos lares portugueses e a mobilidade social ascendente que promoveu tê-lo-ão transformado numa obra de “*fixação material do saber positivado*”, Bernardo (2013: 422), que, ao longo dos anos, tem merecido crescente estima dos seus educandos.

Através destes manuais, nos quais “*conhecimentos e valores encontram-se mutuamente incorporados*”, Bernardo (2013: 424), a docilidade pretendida pela ideologia do Estado Novo terá sido conseguida de forma simples e praticamente sem oposição dos discentes. Este autor ajuda-nos a concluir que a aceitação pacífica da disciplina, do conformismo e da obediência, mas também a adoração saudosista do manual em estudo, são, em grande parte, explicáveis pela convicção dos seus aprendentes “*de terem aprendido o que importava aprender*”, (2013: 424).

Se, como diz Foucault, (2013: 158,159), “É dócil o corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”, terminaremos afirmando que um dos objetivos fundamentais da ideologia salazarista, disciplinar, foi conseguido. Para uma outra etapa da investigação, não menos trabalhosa nem de somenos importância, consideramos, como hipótese de partida, comprovar as representações positivas enunciadas.

7. BIBLIOGRAFIA

De acordo com a 6.^a edição das normas da APA (American Psychological Association).

- ALBERONI, F. & VECA, S. (1988). *O altruísmo e a moral*. Venda Nova: Bertrand Editora.
- ALTHUSSER, L. (1974). *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Lisboa: Editorial Presença.
- BARDIN, L. (2014). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BERNARDO, L. (2011). “Moral, educação e sentido: uma leitura da Philosophie morale de Eric Weil”, *Revista Itinerarium*, Ano LVII, n.º 199, Janeiro-Abril 2011, pp. 3-40.
- BERNARDO, L. (2013). “O ensino elementar, uma representação em crise?” *in Representações da República*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, pp. 409-439.
- BERNARDO, L., BÁRBARA, L. S. & ANDRADE, L. (coord.). (2013). *Representações da República*. Vila Nova de Famalicão: Húmus.
- BIVAR, M. F. (1975). *Ensino primário e ideologia*. (2.^a ed.). Lisboa: Seara Nova.
- CARVALHO, R. (2001). *História do ensino em Portugal*. (3.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. pp. 651-813.
- CURWIN, R. L. & CURWIN, G. (1993). *Como fomentar os valores individuais*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- DINIZ, M. A. S. (1994). *As fadas não foram à escola*. Porto: Edições Asa.
- DIONÍSIO, M. L. T. (2000). *A construção escolar de comunidades de leitores. Leituras do manual de Português*. Coimbra: Almedina.
- FERNANDES, R. (1973). *Situação da educação em Portugal*. Lisboa: Moraes Editores.
- FERNANDES, R. (1985). *Bernardino Machado e os problemas da instrução pública*. Lisboa: Livros Horizonte.
- FERNANDES, R. (1992). *O pensamento pedagógico em Portugal*. (2.^a ed.). Lisboa: Biblioteca Breve.
- FERRO, A. (1933). *Salazar, o homem e a sua obra*. Empresa Nacional de Publicidade.
- FONSECA, J. P. C. (1994). *Representações femininas nos manuais escolares de aprendizagem da leitura do 1.º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- FOUCAULT, M. (2013). *Vigiar e punir. Nascimento da prisão*. Lisboa: Edições 70.
- FREIRE, M. V. (2007). *Valores sociais*. Setúbal: Marina Editores.

- GARNIER, C. (1952). *Férias com Salazar*. (8.^a ed.). Porto: Companhia Nacional Editora.
- GOMES, M. (1953). *Salazar, professor e educador dum povo*. Porto: Edições Além.
- GUERRA, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo*. Estoril: Principia.
- JANEIRO, H. P. (1998). *Salazar e Pétain: relações luso-francesas durante a Segunda Guerra Mundial (1940-44)*. Lisboa: Edições Cosmos.
- JOLY, M. (2008). *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70.
- LEAL, E. C. (1994). *António Ferro: espaço político e Imaginário Social (1918-32)*. Lisboa: Edições Cosmos.
- LISBOA, I. (1944). *Educação (Palestra proferida no salão do «Grupo dos Modestos» do Porto, na noite de 20 de janeiro de 1944)*. Lisboa: «Seara Nova».
- MACHADO, J. P. (1977). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. (3.^a ed.). Lisboa: Livros Horizonte, pp. 374-375.
- MARJAY, F. (1954). *Salazar na intimidade*. Lisboa: Edição Dr. Marjay.
- MARQUES, A. H. O. (1978). *História de Portugal – Volume II*. Lisboa: Palas Editores, pp. 289-358.
- MARQUES, R. (2003). *Valores éticos e cidadania na escola*. Lisboa: Editorial Presença.
- MATOS, H. (2010). *Salazar - A construção do mito*. Mafra: Círculo de Leitores.
- MINEIRO, A. C. (2007). *Valores e ensino no Estado Novo*. Lisboa: Edições Sílabo.
- MÓNICA, M. F. (1978). *Educação e sociedade no Portugal de Salazar*. Lisboa: Editorial Presença/Gabinete de Investigações Sociais.
- MORGADO, J. C. (2004). *Manuais escolares, contributo para uma análise*. Porto: Porto Editora.
- NOGUEIRA, A. F. (2000a). *O Estado Novo. (1933-1974)*. Porto: Livraria Civilização.
- NOGUEIRA, A. F. (2000b). *Salazar: a mocidade e os princípios (1889-1928)*. (3.^a ed.). Porto: Livraria Civilização.
- O livro da primeira classe* (1958). (8.^a ed.). Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- O livro da segunda classe* (1958). (6.^a ed.). Porto: Livraria Editora Figueirinhas.
- O livro da terceira classe* (1958). (4.^a ed.). Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.

- PAÇO, A. S. (ed.-coord.) (2008). *Os anos de Salazar - A ascensão de Salazar 1926-1932, O que se contava e o que se ocultava durante o Estado Novo*. Lisboa: Centro Editor.
- PEREIRA, C., BORGES, I., RODRIGUES, A. & AZEVEDO, L. (2007). *Língua Portuguesa I*. Porto: Areal Editores.
- PHILLIPS, E. M. & PUGH D. S. (1998). *Como preparar um mestrado ou doutoramento*. Mem-Martins: Lyon Edições.
- PIMENTEL, I. F. (2011). *A cada um o seu lugar. A política feminina do Estado Novo*. Maia: Círculo de Leitores.
- PINTO, J. N. (2007). *Salazar visto pelos seus próximos (1946-68)*. (4.^a ed.). Lisboa: Bertrand Editora.
- QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. V. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. (2.^a ed.). Lisboa: Gradiva.
- RAMOS do Ó, J. (1999). *Os anos de Ferro. O dispositivo cultural durante a "Política do Espírito" 1933-1949*. Lisboa: Editorial Estampa.
- RESWEBER, J. P. (2002). *A Filosofia dos valores*. Coimbra: Almedina.
- RICOEUR, P. (1991a). *Do texto à ação*. Lisboa: Rés.
- RICOEUR, P. (1991b). *Ideologia e utopia*. Porto: Edições 70.
- ROSAS, F. (1986). *O Estado Novo nos anos trinta*. Lisboa: Editorial Estampa.
- ROSAS, F. (2001). "O Salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo", in *Análise Social*. Vol. XXXV (157). pp. 1031-1054.
- ROSAS, F. (2013). *Salazar e o poder: a arte de saber durar*. Lisboa: Tinta da China.
- SARAIVA, J. H. (1983). *História concisa de Portugal*. (8.^a ed.) Lisboa: Publicações Europa-América, pp. 315-359.
- SARAIVA, J. H. (2004). *História de Portugal*. (7.^a ed.) Lisboa: Publicações Europa-América, pp. 495-545.
- SERRÃO, J. & OLIVEIRA MARQUES, A. H. (dir.) (1992). *Nova História de Portugal – Portugal e o Estado Novo (1930-1960). Volume XII*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 391-519.
- SILVA, P. N. (org.) (2013). *Citações de Salazar*. Lisboa: Casa das Letras.
- TORGAL, L. R. (1989). *História e ideologia*. Coimbra: Livraria Minerva.
- TRABULO, A. (2007). *O diário de Salazar*. (9.^a ed.). Lisboa: Parceria A. M. Pereira.
- VARGAS, R. (2005). *Os meios justificam os fins*. Lisboa: Gradiva.
- VERDELHAN-BOURGADE, M. (coord.) (2007). *Les manuels scolaires, miroirs de la nation?* Paris: L'Harmatan.

Sítios consultados na internet

Academia.edu. Disponível em URL:

https://www.academia.edu/7360164/O_Ensino_Elementar_uma_representacao_em_crise (consultado em 29-09-2014).

Centro de Investigação para Tecnologias Interativas. Disponível em URL:

http://www.citi.pt/cultura/politica/25_de_abril/salazar.html (consultado em 28-05-2014).

Citador. Citações, Frases, Aforismos e ... Disponível em URL:

<http://www.citador.pt/frases/citacoes/a/antonio-de-oliveira-salazar> (consultado em 08-03-2014).

Estórias da História. Disponível em URL:

<http://estoriasdahistoria12.blogspot.pt/2013/01/a-licao-de-salazar.html> (consultado em 05-04-2014).

Infopédia , Dicionários Porto Editora. Disponível em URL:

[http://www.infopedia.pt/\\$oliveira-salazar](http://www.infopedia.pt/$oliveira-salazar) (consultado em 28-05-2014).

Memória com História. Disponível em URL: <http://memoriacomhistoria.blogspot.pt/> (consultado em 15-06-2014).

Murilo Cardoso, Geografia, tecnologia e ensino. Disponível em URL:

<http://murilocardoso.com/2012/08/17/ensino-como-escrever-uma-otima-introducao-de-artigos-cientificos/> (consultado em 08-03-2014).

PCP, “O Militante” N.º 259. Disponível em URL:

<http://www.pcp.pt/publica/militant/259/p43.html> (consultado em 15-06-2014).

Salazar, O obreiro da Pátria. Disponível em URL: <http://www.oliveirasalazar.org/> (consultado em 08-03-2014).

Vidas Lusófonas. Disponível em URL: <http://www.vidaslusofonas.pt/salazar.htm> (consultado em 28-05-2014).

Wikipedia, The Free Encyclopedia. Disponível em URL:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_de_Oliveira_Salazar (consultado em 08-03-2014).

Legislação consultada

Constituição de 1933

Decreto n.º 21014, de 21 de março de 1932. Diário do Governo n.º 68 – I Série. Ministério da Instrução Pública. Lisboa.

Decreto n.º 27603, de 29 de março de 1937. Diário do Governo n.º 72 – I Série. Ministério da Instrução Pública. Direção Geral do Ensino Primário. Lisboa.

Decreto-lei n.º 27279, de 24 de novembro de 1938. Diário do Governo n.º 276 – I Série. Direção Geral do Ensino Primário. Lisboa.

Decreto-Lei n.º 40964, de 31 de dezembro de 1956. Diário do Governo n.º 284 – I Série. Ministério da Educação Nacional. Direção Geral do Ensino Primário. Lisboa.

Decreto-Lei n.º 42994, de 28 de março de 1960. Diário do Governo n.º 125 – I Série. Direção-Geral do Ensino Primário. Lisboa.

ANEXOS

Textos

1. Anexo - Grelha de registo do número total de textos

Manual	Número de textos
<i>O Livro da Primeira Classe</i>	51
<i>O Livro da Segunda Classe</i>	54
<i>O Livro da Terceira Classe</i>	116

Palavras

2. Anexo - Grelha de registo do número total aproximado de palavras

Manual	Número de palavras	Caracteres
<i>O Livro da Primeira Classe</i>	4669	25215
<i>O Livro da Segunda Classe</i>	8220	44394
<i>O Livro da Terceira Classe</i>	22975	124067

3. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de palavras sobre o tema religião

Palavras	Ocorrências / N° vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Deus	11	157	34
Céu(s)	9	11	23
Jesus	12	14	7
Menino (Jesus)	12	8	2
Santo/a(s)	6	3	10+17
Igreja	5	4	8
Anjo(s), anjinho(s)	5	4	3
Cristã, cristão(s)	0	1	6
Cristo	0	0	4
Cruz, crucifixo	1	4	5
Oração, orações, reza(s), rezar	1+3	1+1	2+3
Bênção(s), abençoar	2+4	1+1	0+4
Bendito/a(s), bendizer	3	0	6
virgem	3	2	3

4. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de palavras sobre o tema patriotismo

Palavras	Ocorrências / N° vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Portugal	0	3	67
Pátria	1	1	34
Bandeira	0	3	23
Herói(s), heroico/a(s), heroicamente	0	0	13+3
Nação	0	1	15
Governo, governar	0	1	15
Nacional, nacionais, nacionalidade	0	2	13
Chefe	0	2 (de quinas, de família)	12
Território, solo	0	0	11+1
Estado (Novo)	1	2	10
Língua(s)	0	1	7
Hino	0	3	3
Tradição, tradicional/ais	0	0	1+1
Colcha(s)	0	0	2
Mocidade (Portuguesa)	1	2	1 (mocidade ociosa)
Brasão	0	0	1
Lusito	0	2	0

5. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de palavras sobre o tema família

Palavras	Ocorrências / N° vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Família(s)	5	14	15
Geração	1	0	2
Laços de sangue/de amor e de ternura, sangue	1	1	7
Pai(s) /Paizinho(s)	16	37	54
Mãe(s)/ mãezinha	53	44	51
Filho/a (ou diminutivos)	27	27	47
Irmã(s) /irmão(s) (ou diminutivos)	4	19 (com irmãmente)	7
Avô/avozinho + bisavô	(4+5) + 1	8+1	3
Avó(s)/avozinha	2+8	2	7+1
Neto/a	2+0	4	2 (netinhos)
Tio/tia	0+1	10/0	11+1
Dona de casa	3	0	0
Casa, lar	10 +0	(Casinha 1 + 35)+3	44+1

6. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de palavras sobre o tema educação

Palavras	Ocorrências / N° vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Escola/escolar	11	14	17
Professor/a – não há plural	5	3	25
Livros/livrinhos	7	10	5
Estudo, estudar	6	2	10
Educação	0	0	4

7. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de palavras sobre o tema ruralidade# urbanismo

Palavras	Ocorrências / N° vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Terra(s), terreno(s)	7	30	109
Cidade	0	11	21
Campo(s), camponês(es)	5	9	21
Aldeia	0	6	17
Vila	0	0	8
Povoação(ões), povoado(a)	0	6	8
Ceifa(s), ceifeiro/a(s), ceifar	0	4	5
Seara(s)	0	4	3

8. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de palavras sobre o tema Personagens

Palavras	Ocorrências / N° vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Senhor(a)	5 + 7	11+4	27+15+ 4 senhoria
Menino	10	19	27
Menino(s) (língua é machista)	31	21	27
Amigo/a(s)/amiguinho/a – inimigo	9 + 0	3 +0	17 +10
Criança(s), criancinhas	8+2=10	6+0	7+2=9
Rapaz(es)	0	9	5 (com rapazote)
Menina(s)	9	5	2
Rapariga(s)	0	1	1

9. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de palavras sobre o tema Alimentação

Palavras	Ocorrências / N° vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Comer	13	8	14
Pão/pães	3+0	10+0	10+2
Leite	2	1	8+1 leite-creme
Fruto(s), fruta(s)	4	10	8
Jantar	4	0	4
Fome	6	2	4
Almoçar (não encontramos almoço)	1	1	2
Maçã(s)	2	0	0
Laranja(s), laranjal	0	0	5

10. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de palavras sobre o tema Vestuário

Palavras	Ocorrências / N° vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Roupa(s)	3	6	4
Vestidos	3	4	4
Vestuário	0	0	4
Calça/calçado/calçar	1	3	2
Camisolas	1	3	0
Camisa	0	0	2
Casaco	0	0	1
Sapatos/sapatinhos	1	1	1
Bibe	2	0	0
Laço(s) (da cabeça)	0	1	1
Sandálias	1	0	0
Botas	0	0	0
Meia(s); soquete, peúga	0	0	0

11. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de palavras sobre o tema Casa

Palavras	Ocorrências / N° vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Mesa	5	2	12
Sala(s) (de costura)	1	2	8
Cozinha	3	0	8
Quarto	2	1	2
Jarra	2	1	0

12. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de palavras sobre o tema Cores

Palavras	Ocorrências / N° vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Cor(es)	4	2	14
Branco/a(s), brancura	10	6	12
Verde, verdejar, verdejante, reverdecer	1	2	14
Azul/azuis, azulada	5	5	4
Amarelo, amarelecidas, amarelada	2	1	3
Preto/a(s)	1	0	2
Cinzento	0	0	2
Encarnado	2	1	0
Vermelho, avermelhadas	3	3	2
Cor de rosa, rosada	2	1	0
Roxo	0	0	2
Lilás	0	0	0
Cor de laranja	0	0	0
Castanho/a(s)	0	0	0

13. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de Nomes/Adjetivos/Advérbios

Palavras	Ocorrências / N° vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Dia(s), diariamente	19	33	72
Bem/mal (ignora-se com valor tempo)	20 /4	29/6	50/16
Grande /pequeno(a), pequenino(s)	6/9	19/26	55+ver abaixo
Vida(s)	3	7	46
Flor(es)/florinha(s) florido(s), florescer	20 (e lírios, cravos, rosas (5 vezes), malmequeres	20 (+rosas-2)	39
Bom/bons; boa(s)	6/ 3;5	7/1/5	23/3/12
Noite(s)	13	14	35
Pobre(s) /pobrezinho/a(s)	18	10	32 (1ª vez pobreza)
Bonito/a(s); feio – lindo/a(s)	4; 1 – 19	1+1 – 22	5; 0; 24
Alegre /alegria /alegrar/alegremente	19	19	22
Tarde(s), tardinha, mais tarde, tardar	4	10	21
Corpo(s)	0	1	19
Rico/a /riqueza(s)	0	2+ 4	6+2+11
Doença(s), doente(s)	0+3	1+2	6+10
Saúde, saudável/saudáveis	0	2	14
Triste /tristeza	6	7	13
Dinheiro	2	2	11
Coração	1	7	11
Rir/risonho /riso/sorrir	15	12 ^(com sorridente, sorrisinho)	3 rir, 7 sorrir, sorriso
Sacrifício(s)	0	0	9
Coitado, coitadinho/coitadito	1	3	9
Exército	0	0	9
Ninho(s)	6	12	7
Medo/medonha	2	7	7
Frio/quente	5/1	4/0	6/1
Mau(s)/má(s)	3; 0	0+ 1	6/0
Livre	0	1	6
Caridade	1	1	5
Coragem, corajoso/a(s)	1	2	2+2
Silêncio/silenciosa	2	0	4
Dono (o seu a seu dono; apresentar como dono)	2	1	4
Leal/leais, lealdade	0	1	4
Patrão, patrões	0	0	4
Autoridade(s)	4	1	3
Lágrima(s)	2	2	3
Carinhos/carinhosos/carinhosamente	1+1+2	4	3
Asseadas /asseio	1	1	3
Boa hora	0	0	3
Susto /assustado/a(s) /assustadinha	1 + 4	0+0	2+1
Obrigação, obrigado(s)	0+1	0	1+2
(in)satisfeito,a(s), (in)satisfação	3 -0	3 -0	3 -0
Boa vontade	0	1	2
Simpatia	0	0	2
Desordem	0	0	2
Chaves	0	0	2
Cemitério	0	0	2
Hospital	0	0	2
Hospitaleiro (a)	0	0	2
Direitos	0	0	2
Descuidado/a	2	0	1
Esperta/espertos	2	0	1
Inteligente	0	1	1
Gratidão	0	1	1
Benfeitores	0	0	1
Méritos	0	0	1
Lei	1	0	1
Ovo(s)	0	7 dos passaritos	1
Hábito(s)	0	0	1
Serviçal	0	0	1
Barulho	3	1	0
Chi-coração	1	0	0
Maldito	0	0	1

14. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de Possessivos

Palavras	Ocorrências / N° vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Seu(s) /sua(s)	24 + 13	35+23	93+118
Nosso(s)/a(s)	10	27	104
Minha(s)	20	19	43
Meu(s)	23	28	37
Teu/tua(s)	1 + 5– não tem teus	4+1	12+14
Vosso/a(s)	9	1	10

15. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de Verbos

Palavras	Ocorrências / N° vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Cantar /canto /cantiga(s)	15	12	42
Trabalho(s) / trabalhadeira / verbo trabalhar	17	15	35
Amor/zinho + amar	9+0	11+0	20+4
(re)construir, construção	3	5 (3 em propaganda)	12 (6 propaganda)
Cuidar /cuidado(s) /cuidadosa	5	7	11
Beijo(s)/beijar	8	1	6
Brincar /brincadeira /brinquedo	3+1+5	6+0+0	5+0+1
Limpar/limpo(s)	2	4	5
Arrumar	2	1	3
Abraçar	2	4	2
Acariciar	1	0	0
Varrer	1	0	0
Arranjar/arranjos	0	3	5
Ajuda/ ajudar/ajudai	4	0	3
Auxiliar	2	0	1
Deve(m)/ dever	13	10	30
Gostar	16	15	24
Desgosto, desgostar	0	0	1 (desgosto)
Saber, sabedoria	5	27	55
Obediência/obediente/ obedecer	6	1	5
Desobedecer	0	0	1
Ordem/ordens/ordenar	1+1+0	4+0+1	6+1+1
Enriquecer	0	0	2
Compras/comprar	4	4	4
Oferecer, ofertar	3	2	8
Verbo dar	14+3	19	51
grandezas, engrandecer, engrandecimento	0	0	8/1/2
Gritar /gritos	5	5	5
Sacrificar	0	0	4
Passear, passeio	0	5	1
Respeito, respeitar, respeitosa	4	2	15
Afeiçoar-se	0	1	1
Aproveitar, proveitoso	1	3	7
Glorioso, a(s), glória(s)	0	2	4+11
Viver	3	9	19+ 1 reviver
Nascer, nascimento, nascença	7	15	20
Morrer	5	9	21
Correr, corrida	13	19	24
Ação, agir	0	1	7
Instruir, instrução	0	0	1
Visita, visitar, visitante	2	3	7

16. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de tempos verbais

Palavras	Ocorrências / N° vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Presente do indicativo	400	604	1240
Infinitivo	235	321	800
Infinitivo pessoal	6	3	19
Imperativo/Presente do conjuntivo com valor de imperativo	61	38	96
Pretérito perfeito	179	266	785
Pretérito imperfeito	83	231	397
Futuro do conjuntivo	10	23	62
Gerúndio (perifrástica)	14	62	143
Pretérito imperfeito do conjuntivo	13	28	47
Presente do conjuntivo	12	30	54
Futuro simples do indicativo+ futuro próximo	10	17	51+6
Pretérito mais que perfeito composto	7	10	12
Pretérito mais que perfeito	5	13	41
Condicional	1	11	14
Condicional composto	0	2	3
Pretérito perfeito composto	4	0	6
Futuro composto	0	0	1

17. Anexo - Grelha de registo de ocorrência sobre a linguagem

Palavras	Ocorrências / N° vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Diminutivo	13 (ito) +9 (ita) + 84 (inho) + 69	9 (ito) + 4 (ita) + 43 (inho) + 21 (inha)	2(ito)+2(ita)+64(inho)+ 42(inha)
Aumentativo	1	0	1
Advérbio negação (Não/nunca/jamais)	57/3/0	103/7/0	252/23/1

18. Anexo - Grelha de frases/verbos de *O Livro da Primeira Classe*

O Livro da Primeira Classe

	ter	dever	Gostar	ser	estar	mandar	obedecer
Como nos devemos portar na escola /Os alunos... escola devem ser como irmãos		X		X			
Devemos fazer-lhes [aos pobres] todo o bem que pudermos		X					
...as famílias que possam também devem ajudar		X					
devemos acudir aos necessitados		X					
não devemos esquecer os benefícios recebidos		X					
Nunca devemos ficar com o que não nos pertence		X					
Todos os meninos devem obedecer às suas [professor] ordens e estar com atenção		X					X
estava corado... Lia-se-lhe... a satisfação pelo cumprimento do dever.		X			X		X
Devemos tomar a responsabilidade dos actos... que praticamos		X					
não devemos deixar condenar os inocentes		X					
já devera ter os filhos no bercinho	X	X					
Devemos, de pequeninos, fazer tudo bem feito, apuradinho e perfeito		X					
Fazei-o [menino] como o pai, obediente à Vossa Lei, bom para si e útil à Pátria							X
Os filhos são obrigados a ter-lhe [ao pai] amor, respeito e obediência	X	X		X			X
É Deus quem nos manda respeitar os superiores e obedecer às autoridades	x	X		X		X	X
Obedientes à voz do sino, homens, mulheres e crianças acodem à igreja							X
Todas me seguem e me obedecem, mansinhas e boas [as ovelhas]							X
É a primeira vez que a mãe a manda sozinha tão longe						X	
Fazei o que vos manda [a mãe]		X				X	X
O Estado Novo... tem mandado fazer escolas e cantinas, cresces e parques						X	
Gosto muito da minha querida mãe!			X				
Gostei tanto de ir hoje à escola			X				
o Estado Novo, que gosta muito das crianças			X				
assim é que eu gosto de ver a minha filha			X				
Gosto muito dos livros e queria ter uma escola com muitas meninas para ensinar.	X		X				
Se gosto [da minha vida]! /Como não hei-de gostar da minha vida de pastor?			X				
Quando fores grande, hás-de ser boa dona de casa			X				
com a ideia de vir a ser, um dia, como o pai			X	X			
pega nos livros e estuda, para vires a ser homem				X			
Tiveram pena de nós, por sermos pobrezinhos	X			X			
Pode vir um automóvel ou um canzarrão e serdes apanhados, feridos ou mordidos				X			
por ele ser muito atento e estudioso				X			
Fazei como ele [o bisavô], para serdes abençoados um dia				X			
é muito esperta e desembaraçada, e gosta de ajudar a mãe			X	X			
É preciso saber esperar!/ É preciso andar depressa				X			
É para os meus filhos que eu trabalho				X			
O pai é a autoridade da família				X		X	
O professor é a autoridade na escola				X		X	
[domingo] é o dia do Senhor				X			
Como sois boas [as companheiras]!				X			
Quando os meninos são bons / Se os meninos são bonzinhos				X			
Os pobres são nossos irmãos				X			
são tão boas essas meninas!				X			
Os filhos são obrigados a ter-lhe [ao pai] amor, respeito e obediência			X	X			X
São tão mansas as minhas ovelhinhas...				X			
A Mariazinha está doente. Há oito dias que falta à escola					X		
Esqueci-me de que estava doente. Fez-me muito bem a... visita					X		
o arroz-doce... estava tão bom					X		
Estai com atenção.					X		
A mãezinha não está em casa. Foi à praça fazer as compras					X		
a mãe, que está na cozinha					x		
o irmão mais pequeno está doente, e não o pode deixar.					x		
está contente com o seu primeiro trabalho					x		
A senhora professora estava muito contente, porque inaugurou uma cantina					x		
todos... estávamos satisfeitos, ao ver os pobrezinhos matar a fome					x		
- Está ótima a sopinha!					x		
para curar a minha avó, que está entevada/ Lembrai-vos agora dela[da avozinha]!					x		
Jesus ensinou que... dado aos pobres por caridade, terá grande prémio				X			
Habituai-vos a cuidar do que vos pertence e a ter tudo em seu lugar	X				x		
tenho grande contentamento em a ter achado	X				x		
Um beijo e... por teres dado à tua amiguinha a sopa, o doce e as uvas.	X						
Eu tenho tantos bibes	X						
tem muito jeito	X						
Ninguém no mundo vos tem mais amor do que a vossa mãe	X						
Triste de quem é velho e pobre, e não tem lume para se aquecer	X			X			
tem pena da avozinha, que treme de frio/Querida avozinha, não terás mais frio	X						
Tem pena da Mãezinha e de mim. Não deixes morrer o meu Pai... trabalhar para nós	X						
primeiro, temos de nos lavar muito bem	X						

19. Anexo - Grelha de frases/verbos de *O Livro da Segunda Classe*

O Livro da Segunda Classe

	ter	dever	Gostar	ser	estar	mandar	Obedecer
é preciso não deixar para o dia seguinte o estudo das lições ou os exercícios que se têm de fazer hoje	X			X			
A nossa casa deve... mostrar alegria. Deve mostrar alegria nas pessoas e nas coisas.		X					
O quadro é o grande livro... e não lhe ficamos a dever menos do que aos outros livros		X		X			
não acontecerá à sua filha como à rola, continuando... na escola como deve continuar		X					
todos somos irmãos E devemos dar as mãos uns aos outros irmãmente		X		X			
E morreu? – Para mostrar Que a gente pela Verdade Se deve deixar matar.		X					
Cumpriu bem o seu dever de <i>lusito</i> . É um brioso <i>chefe de quina</i>		X		X			
devem os seus habitantes estimar-se e respeitar-se uns aos outros.		X					
O Raul, que era de Lisboa, não gostava nada da aldeia			X	X			
Dali em diante, o Raul foi o maior amigo dos camponeses.			X	X			
Não tem medo dos bois e cavalos, antes gosta de os ver trabalhar puxando a charrua..	X		X				
Dava gosto ver o seu avô vestido de ganga, entre os operários, e até às vezes...			X				
Dizia... desanimado o Luís: das letras ainda gosto, mas dos algarismos não gosto nada			X				
Eu gosto de ler palavras como estas: <i>Um ramo de cerejas, um braçado de rosas</i>			X				
a mãe, para o distrair, pôs-se a tocar uma linda música de que ele gostava muito			X				
- Primeiro tive de aprender	X	X					
Custa a aprender, mas é proveitoso e dá gosto saber			X	X			
Dava gosto ouvi-los, à roda da lareira, a inventar com que entreter o serão			X				
Não faltam nas montanhas águas, tão puras e tão leves que dá gosto bebê-las			X				
o Tio Jerónimo que tratava das vinhas e gostava de conversa			X				
Eu sou ainda pequenino, nada sei fazer, e tenho todas estas riquezas e bens.							
Quem tem filhos tem cadilhos”, Tem-nos quem os não tiver	X						
se vai pelo caminho ao sol ardente, tem-se uma grande alegria, se dão de beber à...	X						
Bem haja a urze do monte, que é lenha de quem não tem!	X			X			
Temos o pátio do recreio, onde lhes ensinarei jogos apropriados.	X						
tem a seu cargo a administração dos bens da freguesia: caminhos, fontes, maninhos...	X						
Portugal tem lindas e altas serras	X						
Que nos lembremos Sempre, também, Do pai que temos, Da nossa mãe!	X						
Felizes os que têm pai, mimosos os que têm mãe	X						
Os minerais não têm vida. Os vegetais... não sentem. Os animais têm vida e sentem	X						
Então as abelhas também têm rainha? É a que manda e governa, e todas... obedecem	X					X	X
os meus cães são valentes, e para os lobos têm dentes e têm festas para mim	X			X			
Deus está acima de tudo e de todos					X		
como ela olha por tudo, como [a mãe] parece estar ao mesmo tempo em toda a casa					X		
Mesmo quando estamos doentes, nunca o sorriso se lhe apaga [da mãe]					X		
A única tristeza da nossa casa é que meu pai não esteja sempre connosco, pois que					X		
trabalha todo o dia, longe de nós, para nos sustentar.							
quando está limpo e todo negro o quadro parece não saber língua falada nem escrita					X		
Estavam todos sentados, tão presos e enlevados na voz daquele menino que se					X		
julgavam a viajar por terras e jardins de longe, a ver riquezas e formosuras, como eles							
nunca imaginaram que houvesse.							
conseguiu arranjar uma grande quinta, desbravando terrenos que estavam a mato					X		
As casas da aldeia estão hoje mais asseadas que nunca... passar o festivo cortejo.					X		
O homem, dotado de alma imortal, está acima de todos os outros seres da natureza					X		
Nenhum de nós se aproximava [das abelhas]... o Tio José da Ponte não tinha receio,	X						
porque estava habituado					X		
os rapazes da <i>Mocidade</i> nem queriam acreditar que estavam em Lisboa, porque o ar					X		
puro e fresco daquela manhã de maio tinha o perfume das flores do campo	X						
Os rapazes, direitos e firmes... estendem o braço. Está a ser içada a bandeira nacional!					X		
ninguém mais faltou à escola que o Estado Novo mandou ali construir						X	
E quem é Deus? - Quem nos cria, Quem nos manda a luz do dia E fez a Terra e os Céus				X		X	
Só eu não tive quem me mandasse aprender, quando era pequeno	X			X			
O pai é que não tinha igual opinião a respeito do campo e da gente que nele trabalha.	X						
Eu tinha amor àquelas abelhas, que trabalhavam sem descanso... ao pôr-do-sol	X						
Alguns alunos dirigiam-se a casa para almoçar e tiveram a má lembrança de jogar a	X						
cabra-cega pelo caminho.							

20. Anexo - Grelha de frases/verbos de <i>O Livro da Terceira Classe</i>							
	ter	dever	gostar	ser	estar	mandar	Obedecer
bastava uma pequena advertência da mãe para pôr tudo como devia.		X					
Quem visitar a cidade de Lisboa deve subir ao castelo de S. Jorge, se quiser admirar um dos mais belos panoramas que nos oferece a capital do nosso País		X					
Alargado o território português até às fronteiras com que devia ficar para sempre, era preciso desenvolver a agricultura e a navegação, proteger as letras e as artes		X		X			
O sr. Doutor, que andou a estudar... deve saber melhor... Eu queria um conselho...		X					
Além de deverem respeitar o trabalho de todos, os filhos devem lembrar-se do sacrifício que constitui para seus pais o trazerem-nos vestidos e asseados.		X					
Todo o corpo deve andar sempre bem lavado, e não apenas as mãos e a cara; a cabeça precisa de andar limpa, e os cabelos penteados.		X					
O homem deve... cuidar da saúde e esforçar-se por melhorar as condições da sua vida, para se tornar forte e sadio		X					
Não se deve dispensar a vassoura...		X					
Deve-se dormir em quarto.. pelo menos vinte e cinco metros cúbicos de ar por pessoa cumpre o teu dever. E maldito sejas tu para todo o sempre, Gonçalo Nunes, se o inimigo entrar nesse castelo sem passar por cima do teu cadáver!		X		X			
como o calor dilata os corpos... partes das rodas que devem ficar muito unidas		X			X		
Por isso a gente deve, quando está no campo, evitar a proximidade das árvores							
E Portugal ficou devendo a Álvares Cabral a glória do descobrimento do Brasil.		X					
Criara inimigos por ter obrigado os subordinados a cumprir o seu dever e a servir dignamente o Rei e a Pátria		X					
Desde pequenina, a Maria de Fátima gostava de ter os vestidos arrumados e limpos	X		X				
Vós deveis gostar muito de Lisboa, que é linda de verdade. Eu também gosto...		X	X	X			
Gosto de te ouvir, rapaz. Sabes ser fiel ao amor que deves à terra em que nasceste		X	X	X			
O Manuel António desde pequenino começou a gostar da vida do campo.			X				
Gosto muito deste pobrezinho... levo alguma coisa que o consola, vou tão depressa...			X				
...tomou logo a resolução de provar a água do Zêzere, que passava perto da azenha de seu pai e onde abundavam as bogas e os barbos de que tanto gostava.			X				
Com os marinheiros iam missionários, soldados, comerciantes e homens que tinham o gosto das grandes viagens	X		X				
- Uma coisa de que tu gostas muito, a azeitona...			X				
- Pois é, minha Mãe. Eu gosto tanto de flores!...			X				
- E eu gosto tanto de ver os passarinhos...			X				
A Pátria é o solo abençoado de todo o Portugal, com as suas ilhas do Atlântico... as nossas terras dos dois lados da África, a Índia, Macau, a longínqua Timor.				X			
Sabes ser fiel ao amor que deves à terra em que nasceste.		X					
Os filhos que Ele me deu continuam a ser a minha maior alegria.				X			
sentia crescer lá dentro de si uma grande vontade de ser lavrador				X			
Já então mostrava o Jorge o que havia de ser quando homem. Hoje é o orgulho dos pais. E eu sinto muita honra em dizer que o tive por aluno.	X			X			
...quem me dera/Ser humilde lavrador,/Ter o pão de cada dia,/Ter a graça do Senhor!	X			X			
quem me dera/Ser um poeta afamado... Mostrar às outras nações Portugal..., há de chegar a hora em que... [o automóvel] será abandonado como coisa velha e de fraco préstimo... os mesmos olhos que dantes se embebeciam... Eu te vingarei...				X			
Que seria o cego, coitadinho, sem o seu guia, sem o carinho daquela dedicação?				X			
Com a mão esquerda, que protegem com uma espécie de luvas de cabedal chamadas dedeiras separam as hastes que hão de ser cortadas... pela foíce manejada com a mão direita.				X			
Ao tomarmos os remédios... é bom ler...os respectivos rótulos... que podem ser fatais.				X			
Melhor ainda que tratar das doenças é evitá-las				X			
só devem ser mortos para consumo os animais que os veterinários considerem próprios para tal fim, porque é muito perigoso comer carne de animais doentes		X		X			
Os legumes e as hortaliças, para não perderem o seu valor alimentar, devem ser cozidos pelo vapor da água, e não dentro desta				X			
Dentro delas [caravelas], os nossos antepassados, por serem corajosos e fortes, abriram caminhos por mares desconhecidos				X			
E depois tu não descoroças com o aumento da contribuição... - Eu não. Tem de ser. Quero cantar, ser alegre, Que a tristeza não faz bem...				X			
és capaz de ir a casa e meter os bois ao carro? ...não havia de ser? ...já se vê que porque desejava ser dos primeiros a cumprir o dever de votar nas eleições... junta...		X					
A sua consciência, muito sã, levava-o a aceitar com a maior boa vontade todos os incómodos e sacrifícios, para que o País pudesse ser bem administrado.				X			
E bendito por Deus sempre serás! Ó flor [do linho] de amor				X			
somos descendentes de muitos povos antigos, que se misturaram e confundiram				X			
Como não tem família, são os vizinhos que o trazem ao colo e o sentam à porta...	X			X			
eu sei bem que tu és já uma cozinheira... Eu só gosto do que é bem feito...				X			
se o oiro é mau caminho,/ - Antes tu venhas a ser/O pobre mais pobrezinho...				X			
Em casa do pobre eu [a oliveira] sou a alegria do seu jantar...				X			

<i>O Livro da Terceira Classe</i> (continuação)							
	ter	dever	gostar	ser	Estar	mandar	Obedecer
A bandeira começou por ser um sinal de guerra... voz de comando... grito de triunfo				X			
A bandeira não é apenas a seda ou o linho de que é feita nem a tinta... deu as cores				X			
[a bandeira] passou a ser a chama sagrada que a alma da Pátria acende				X			
São maus portugueses os que faltam ao respeito à Bandeira Nacional				X			
numa nação cònsia dos seus deveres, o Chefe tem de ser estimado e honrado...	X	X		X			
porque a tua mãe não veste sempre da mesma cor, deixa de ser tua mãe?				X			
da minha fatia de pão será sempre metade para si e, do meu cobertor... o agasalhar				X			
Todos os portugueses devem decorar-lhe a música e a letra... Não deve ser tocado ou		X					
cantado por ocasião de divertimentos populares, mas apenas em atos solenes... com		X					
o respeito que merece... comecem a ouvir-se, todo o português deve tirar o chapéu		X					
É nossa Pátria todo o território sagrado que D. Afonso Henriques começou a talhar				X			
para a Nação Portuguesa... É a terra em que viveram... heróis... A Pátria é a mãe...				X			
...é o solo abençoado de todo o Portugal... Para cá e para além dos mares, é a nossa				X			
Pátria bendita todo o território em que, à sombra da nossa bandeira, se diz... Mãe!				X			
Não é muito inteligente, mas é das que mais sabem.				X			
a raposa ladina, é notável pela sua astúcia... Como é muito manhosa e resoluta				X			
Da pele da raposa fazem-se abafos... e casacos de elevado preço... é muito procurada				X			
Reza as suas orações, almoça e vai para a escola. Pobrezinha, mas muito lavada,							
vestido sem nódoas nem rasgões, é um encanto vê-la, de olhos pretos, pele morena...				X			
No arranjo da casa é desembaraçada, e já consegue dar beleza às coisas. Na cozinha			X	X			
faz, quando é preciso, qualquer refeição de que todos gostam			X	X			
Voltou à sua terra cheio de saudades do pai, dos bois e das lavradas. Casou. Tem hoje	X						
um rancho de filhos. Trabalha e é feliz. Na aldeia todos o respeitam				X			
raparigas alegres... amigas de cantar... andam no meio das searas, debruçadas sobre a							
terra, a arrancar as ervas ruins, para o trigo poder crescer... É o trabalho da munda				X			
As vindimas são o trabalho mais alegre das fainas agrícolas				X			
Todo o trabalho é assim: dá saúde e alegria, mormente o que se faz ao ar livre				X			
Portugal é grande... não é apenas o território que, na parte mais ocidental da Europa				X			
Se observarmos num mapa a situação de tudo o que é nosso, reconheceremos logo							
que Portugal tem possessões em quase todas as partes do mundo.	X						
E, lá na torre mais alta,/Uma cruz a assinalar/Que Lisboa é dos cristãos...				X			
não te lastimes do abandono em que te encontras, nem da insolência com que és				X			
tratado							
“Fiel”, corpulento cão de guarda, que é o terror das raposas e dos lobos				X			
É bom amigo.../é valente, fiel, verdadeiro,/leal, serviçal,/e tem bom coração	X			X			
É que eles levaram uma vida regrada e higiénica				X			
é o sol que destrói os micróbios... É necessário que o sol entre em casa...				X			
o melhor é dormir de janela aberta.				X			
Homens e mulheres entram nos vinhedos com redobrada alegria... a faina é leve				X			
é considerada uma das grandes maravilhas da arquitetura daquele tempo				X			
O mosteiro é monumento grandioso da piedade do rei D. João I... em cumprimento				X			
do voto feito à Virgem Maria. A capela... é testemunho da devoção de Nun’Álvares				X			
O leite é fornecido pelas vacas, pelas cabras e pelas ovelhas. É necessário fervê-lo				X			
temos a impressão que é o Sol que se move em sentido contrário, de nascente para...	X			X			
é grande o mar... é espetáculo maravilhoso o batalhar das ondas... A força das águas é				X			
tamanha que chega a despedaçar os maiores navios!							
Não se deve trabalhar ao domingo, que é o dia consagrado ao Senhor.		X		X			
Hoje o Brasil é nação independente, mas é país irmão a que nos prendem... estreitos				X			
laços de sangue, e onde mais de quarenta milhões de pessoas falam a língua...							
só podem conseguir-se com uma junta de freguesia formada por pessoas... tenham	X						
amor a tudo que é nosso e sejam capazes de se sacrificar pelos interesses de todos				X			
Camões é o grande génio da nossa história literária... a obra que o celebrou para				X			
todo o sempre é o poema incomparável que canta as glórias da Pátria				X			
a bandeira é ainda uma luz para os nossos olhos, uma estrela que brilha... a guiar-nos				X			
Essa ação há-de prosseguir sem descanso... o engrandecimento de Portugal, que, pela							
profunda transformação operada, é hoje respeitado e admirado pelas outras nações				X			
é a terra a cantar por quem trabalha!				X			
S. José deu-me o condão/De amparar quem é velhinho...				X			
nossa Pátria é uma grande família... os portugueses, sem distinção de lugares ou raças				X			
Como todas as famílias, tem também um chefe que superiormente a dirige e a	X						
representa — é o Chefe do Estado				X			
É a vida das mulheres casadas cá da nossa aldeia. Os filhos e as canseiras que eles nos				X			
dão é que são a nossa riqueza. É por eles que nós somos felizes				X			
Para nos vestirmos e agasalharmos é, portanto, necessário o trabalho de muita gente				X			
Rasgar o fato, manchá-lo de nódoas ou trazê-lo sujo... é... estragar... o trabalho... gente				X			
É um encanto regar.				X			
Quando o trigo e o centeio estão maduros, é preciso ceifá-los e levá-los para as eiras				X	X		
Esse trabalho... aonde não chegaram... máquinas modernas, é feito pelos ceifeiros				X			

O Livro da Terceira Classe (continuação)							
	ter	dever	gostar	ser	Estar	mandar	Obedecer
Nosso Senhor ensinou que a maior de todas as virtudes é a caridade.				X			
o Minhoto é naturalmente alegre, laborioso, pacífico e poupado. O Trasmontano... é				X			
forte, duro, desembaraçado, independente e hospitaleiro... O Beirão...é poupado e				X			
trabalhador... O Alentejano... é hospitaleiro e gosta de mostrar grandeza... é metido				X			
consigo e raro se lhe ouve uma cantiga. O Algarvio... é mais alegre, mais vivo, bom				X			
negociante e bom marinheiro. ...Somos, pois, os Portugueses, um só povo				X			
como o som é muito menos veloz que a luz, nós vemos esta em primeiro lugar				X			
“A Portuguesa” é o hino nacional.				X			
A minha aldeia, essa, trago-a no coração. É a minha terra!				X			
[um lavrador transmontano] disse à mulher e aos filhos que era preciso ir buscar uns				X			
carros de centeio que já estava cortado na sua propriedade da Devesa					X		
É preciso haver moderação na comida e principalmente na bebida. O alcoolismo é um				X			
vício horrível que todos os dias faz numerosas vítimas							
digo que me custa acreditar que seja a Terra que anda...				X			
Na Pátria está meu menino, a casa em que vieste à luz do dia, o regaço materno... a					X		
aldeia ou a cidade... a escola onde... te ensinaram a conhecê-la e a amá-la e a família...					X		
Na Pátria estão os campos de ricas searas... os montes com suas capelinhas brancas...					X		
Estou a ver que a tua aldeia é mais linda que a nossa Lisboa...				X			
a independência de Portugal estava bem firmada sobre tantas vitórias					X		
Na sala dos túmulos estão os mausoléus de D. Pedro e de D. Inês de Castro, obra					X		
máxima da nossa escultura funerária, tanto pelas estátuas jacentes...							
a senhora D. Arminha, de Lisboa, que estava a passar as férias na aldeia... Ainda tão					X		
nova e já com tantos filhos e tantas fadigas! Eu tenho um, e já me dá que fazer.	X						
Estava lá uma criança cega de nascença, e bastou que a Santa Rainha lhe pusesse a					X		
mão na cabeça para que os olhos se lhe abrissem à luz do Sol							
Quando o trigo e o centeio estão maduros, é preciso ceifá-los e levá-los para as eiras					X		
“Estão verdes, não prestam, Só os cães os podem tragar”					X		
Estava ausente o capitão-mor desta praça, Vasco Gomes de Abreu, mas sua mulher,					X		
Deuladeu Martins, decidiu defendê-la com todos os sitiados... Somos mais humanos...				X			
vendo que estais mal providos, aí vos mandamos este socorro, e mais vos daremos...					X	X	
Os galegos... começavam a sofrer falta de mantimentos, imaginaram que a praça							
estava bem provida, pelo que decidiram levantar o cerco e retirar para a sua terra.					X		
Se estamos doentes, devemos consultar o médico... só ele tem o saber necessário...	X	X			X		
Não devemos beber água fria quando estamos a transpirar, nem expor-nos...		X			X		
O rei de Castela, ao ver isto, abandonou o campo sem esperar pelo fim da luta.							
Triunfaram os portugueses! Portugal estava salvo!					X		
capela de S. Jorge, singelo monumento a que estão ligadas recordações...					X		
Na frente da capela está sempre uma bilha de água para dar de beber a quem passa					X		
- Bem salgada, que eu já a provei, quando no ano passado estivemos na Nazaré...					X		
Estava desfeito a lenda que, durante séculos, paralisara de terror todos os navegantes					X		
do mundo. As terras que Portugal descobrira eram povoadas, tinham águas e frutos...	X						
o Raul estava mais curioso que nunca, e dizia ao pai: - Há quem diga que o sol está					X		
parado... e agora lá está a desaparecer por detrás do mar					X		
A gente vai como se o comboio estivesse quieto, e vê passar tudo a correr...					X		
A Terra anda à roda do Sol, e a sua velocidade é muito grande; mas, porque andamos				X			
com ela e nos faltam pontos de referência, temos a impressão de que ela está quieta	X						
- Algumas [luzes] parece que estão a tremer!- Esses são astros que têm luz própria e	X			X	X		
cintilante. Chamam-se estrelas. O Sol, que nos alumia durante o dia, é uma estrela				X	X		
o pastor está enganado. Aquilo que... julga ser um homem são altos e baixos... na Lua					X		
enquanto a mãe fia o linho ou conserta as roupas, se a avó não está disposta a contar							
mais contos, o pai ou algum dos filhos mais velhos lê o jornal da região, ou algumas							
páginas dos livros que ensinam a cultivar melhor as terras e a aumentar o rendimento							
doméstico pelo exercício de indústrias caseiras							
a mãe estava a costurar... a Aninhas, entretida... a fazer uma saia para a boneca					X		
é agradável estar-se então à lareira, a ouvir contos... E é no Inverno que vem o Natal,				X	X		
a festa do Menino Jesus							
Estou a ver que daqui a pouco o melhor é trabalhar só para o Governo... a estrada por				X	X		
onde vamos hoje à vila é lisa como uma folha de papel, e dantes estava cheia de				X			
covas... a escola era no palheiro do José Bernardo..., hoje temos aí um edifício novo	X			X			
Dentro da igreja estão os túmulos dos reis D. Manuel I, D. João III, D. Sebastião...					X		
vi um relâmpago e ouvi um trovão muito forte, e... antes quero estar ao pé da Mãe					X		
dirigiu-se à cozinha, onde a Maria, uma velha criada, estava a fazer a ceia					X		
Por isso a gente deve, quando está no campo, evitar a proximidade das árvores		X					
não é bom, quando a trovoadas está iminente, mexer em objectos de metal...				X	X		
sabemos a que distância de nós está o ponto onde se encontra a trovoadas					X		
As vides já estavam quase todas atadas em feixes, e era preciso levá-las para o pátio				X	X		
da casa porque a falta de lenha para o lume era grande... e podiam roubá-las de noite				X			

O Livro da Terceira Classe (continuação)							
	ter	dever	gostar	ser	Estar	mandar	Obedecer
Os animais, assim que se viram nos lugares a que estavam acostumados, ó pernas para que vos quero! meteram por ali fora que foi um regalo!				X	X		
As alunas da 3.ª classe costumavam... conversar muito com a professora a respeito de tudo o que as preocupava. Como estavam já a poucos dias do exame, dizia uma delas naquela tarde: - O leite-creme é o doce de que eu mais gosto. Até já aprendi a fazê-lo				X	X		
Durante os combates, por mais longe que os soldados estivessem da voz do chefe, o acenar da bandeira ao vento dizia-lhes: - Defendei, até à morte... e da vossa terra					X		
Pela bandeira, sabiam logo onde estavam os seus					X		
acima das nossas vidas, das nossas famílias, das nossas paixões e interesses, está a Pátria pela qual tantas gerações se sacrificaram.					X		
Os reis de Espanha não se resignavam a perder... a coroa de Portugal. Outros países não reconheciam a nossa independência, enquanto ela não estivesse... garantida					X		
Que onde há frutos e onde há fontes/- Está a mesa de Deus!					X		
Os alunos estavam desejosos de que o professor comesse a lição					X		
Sem a sua força [dos bois], sem a sua dor, não estava rindo a terra toda em flor!...					X		
Quando percorremos o País, notamos que todas as povoações estão em comunicação					X		
Eu cá estou, e ficaremos sempre os dois [o pai e o bom filho].					X		
Não pode ser. Daqui a amanhã casas-te. É preciso, para te amparares. Dois homens, sós, estão mal. Depois, é a mulher e os filhos a chamarem-te, a prenderem-te				X			
Andava-me a roer as entranhas o pensamento do que havia de ser de mim... Graças a Deus, já estou melhor. És um bom filho.				X	X		
o pai mandou matar para o jantar um dos cordeiros mais gordos do rebanho						X	
A vila gravou a memória do feito no seu brasão de armas, e mandou-lhe [a Deuladeu Martins] erigir uma estátua						X	
Para comemorar esta vitória, D. João I mandou construir o mosteiro da Batalha, como preito de gratidão a Deus e à Virgem Maria. Lá está sepultado, com sua esposa...					X		
Depois de as ouvir, mandou Salomão... que lhe trouxesse uma espada						X	
o infante D. Henrique mandou lá construir uma ermida dedicada a Nossa Senhora...						X	
Agora queria saber a razão da conta que a Mãezinha me mandou fazer						X	
[o lavrador] Mandou-lhe fazer a ceia/Do melhor manjar que havia; mandou-lhe fazer a cama/Da melhor roupa que tinha;	X						
- Meu Jesus, se eu tal soubesse... Mandara fazer preparos/Do melhor que encontraria.							
D. Manuel mandou ao Oriente nova expedição						X	
Álvares Cabral mandou que a nau de Gaspar de Lemos deixasse a armada						X	
Já gozava de gloriosa fama quando D. Manuel I o [Afonso de Albuquerque] mandou à Índia						X	
D. Manuel resolveu mandá-lo [Afonso Albuquerque] outra vez às partes do Oriente						X	
o rei de Ormuz mandava dizer ao capitão-mor que os embaixadores do xeque Ismael tinham vindo a pedir-lhe o pagamento do tributo que ele devia ao seu soberano	X	X				X	
Afonso de Albuquerque... mandou vir à sua presença os representantes do xeque						X	
Quando eles chegaram, disse-lhes apontando para um monte de pelouros, lanças, espingardas e outras armas que de propósito para ali mandara trazer:						X	
- Esta é a moeda em que El-Rei de Portugal, meu Senhor, manda pagar tributo a quem se atreve a pedi-lo aos reis seus vassallos.				X		X	
enquanto não regressam [os emigrantes], mandam muito de quanto economizam para embelezar a sua casa e a sua aldeia						X	
um minúsculo jardim, onde sempre se recusaram a ganhar raízes uns pés de videira que mandara ir da sua terra						X	
...acima do rei e dos chefes, era a bandeira quem mandava e guiava.				X		X	
Tributar veneração ao nosso Chefe de Estado, prestar-lhe as honras devidas pelo alto cargo que exerce, e cumprir o que ele manda é, pois, dever de lealdade para com a Pátria, que temos obrigação de amar e servir	X	X				X	
- “Quem será este Homem – murmuraram – A quem a tempestade obedeceu?”				X			X
só tinha laranjas azedas; mas, para não desobedecer à Santa, correu a buscá-las.	X			X			X
Numa família digna, o chefe, que é o pai, tem de ser querido, respeitado e obedecido pelos filhos				X			
Dentro da nossa família, os pais e outros superiores têm o encargo de velar pela nossa educação e por tudo o que nos é necessário para a vida. Exercem, por isso, uma autoridade a que devemos obedecer	X						X
Se passarmos às Ilhas Adjacentes e às províncias portuguesas... veremos que todos obedecem à mesma lei e gozam dos mesmos direitos que nós		X					X
Todos os portugueses devem respeito e obediência ao Governo da Nação		X					X
Na grande família que é a Nação portuguesa há também autoridades que... governam e a quem compete cuidar da organização e orientação dos serviços públicos				X			
É ao Governo da Nação que devemos a defesa do território português e dos seus habitantes, a organização de serviços públicos... O Governo tem a sua sede em Lisboa, capital do País, e é constituído pelo Presidente do Conselho e pelos Ministros	X			X			
É função do Presidente do Conselho orientar... todos os trabalhos do Governo e...				X			

O Livro da Terceira Classe (continuação)							
	ter	dever	gostar	Ser	Estar	mandar	Obedecer
mas não lhe tenho amizade. A minha aldeia, essa, trago-a no coração. É a minha terra!	X			X			
- “Não tenho inveja a ninguém...	X						
além das que pago pelas fracas leiras que tenho, pago ainda pela azenha	X						
Tenho de ir à cozinha...o melhor é o teu pai explicar-te... tenho ainda muito que fazer.	X			X			
Na escola, desde a primeira classe que tem merecido a simpatia da sua professora pela pontualidade... E o seu amor ao estudo tem-lhe conquistado a amizade e o respeito das condiscípulas.	X						
Quem sabe lá os destinos/ Que Deus tem para nos dar...	X						
temos apetite, e ganharemos forças para cantar uma nova canção	X						
A Terra anda à roda do Sol, e a sua velocidade é muito grande; mas, porque andamos com ela e nos faltam pontos de referência, temos a impressão de que ela está quieta.	X			X	X		
A Terra, como sabem, também não tem luz própria.	X						
só tínhamos a água dum poço, e que hoje temos um chafariz de duas bicas?	X						
para ordenar e manter os serviços públicos, para fazer isto tudo e outras coisas mais que a gente vê, a bem de nós todos, o Governo tem de ter dinheiro, não é verdade?	X			X		X	
É ela a verdadeira mãe, pois que lhe tem amor.	X			X			
Minha mãe é pobrezinha,/Não tem nada que me dar,/Dá-me beijos, coitadinha,	X			X			
Ó minha mãe, minha amada,/Quem tem uma mãe tem tudo,/Quem não tem mãe não tem nada.	X						
Todos os nossos castelos têm a sua história ou a sua lenda	X						
As vertentes ou encostas da serra, quando não são arborizadas, têm menos beleza, e são mais depressa devastadas pelas chuvas	X			X	X		
há pessoas de oitenta anos que gozam de saúde e alegria como muitos jovens não têm	X						
Esses são astros que têm luz própria e cintilante. Chamam-se estrelas.				X			
O João Rodrigues... rapaz de aldeia... Ao terceiro dia... já não havia braços mais fortes e tinha quase sempre na ponta da língua a resposta às perguntas que lhe faziam	X						
Todos os outros lavradores tinham o centeio nas suas propriedades... A água levou tudo	X						
Grande foi a confusão da mulher, porque só tinha laranjas azedas; mas, para não desobedecer à Santa, correu a buscá-las	X						X
Deu generosamente tudo quanto tinha nos seus vastos celeiros para sustento da guarnição	X						
As terras que Portugal descobrira eram povoadas, tinham águas e frutos doces, e até o mar era claro como o das costas europeias	X			X	X		
Deu-se água potável, em fontes de construção simples mas elegante, a muitas povoações que tinham dificuldade em a obter	X						
Três levaram os a morte ainda cedo, e os outros já todos tinham a sua casa.	X						

As imagens

21. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de imagens

Imagens	Ocorrências / N ^o vezes ao longo dos textos		
	<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Menino	37	14	16
Menina	35	14	12
Bebé	6	4	3
animais	21	9	18
Flores	13	5	3
Mocidade Portuguesa (rapaz)	6	-	4
Mocidade Portuguesa (rapariga)	10	-	0
Bandeira	3	6	15
Campo, aldeia	23	5	20
Cidade/vila	1	2	4
Avião	10	-	1
Barco	7	5	10
automóvel	1	-	1
Igreja/campanário	2	5	1
Cruz	6	6	3

22. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de imagens sobre características físicas/vestuário

Imagens		Ocorrências / N ^o vezes ao longo dos textos		
		<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Menina	Laços como enfeite	47	14	7
	Meias	30	5	7
	Avental/bibe	24	5	-
	Cabelo apanhado	17	7	2
	Botas	8	0	1
	sapato	38	5	8
Rapaz	Cabelo curto	37	todos	Todos
	Meias	17	6	8
	Botas	12	1	2
	Sapatos	24	2	8
	Calção	50	14	11
	calça	7	0	-
	Gravata	7	0	-
	Suspensórios	5	2	-
	fundilhos	2	0	-

23. Anexo - Grelha de registo de ocorrência de imagens sobre ações/atividades

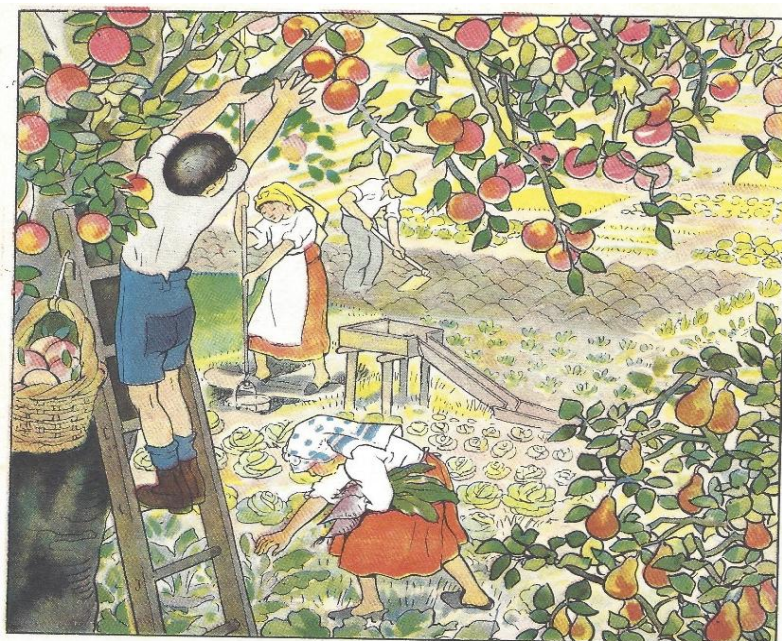
Imagens		Ocorrências / Nº vezes ao longo dos textos		
		<i>O Livro da Primeira Classe</i>	<i>O Livro da Segunda Classe</i>	<i>O Livro da Terceira Classe</i>
Feminino	Cozinhar	Xx	X	-
	Costurar	Xx	X	-
	Lavar o chão	X	-	-
	Lavar a roupa	X	-	-
	Pôr a mesa	X	X	-
	Regar	X	-	-
	Tricotar	x	-	-
	Escovar roupa	X	-	-
	Engraxar sapatos	X	-	-
	Dar biberão	X	-	-
	Passar a ferro	X	-	-
	Passear o bebé	X	-	-
	Fiar o linho	-	-	Xx
Masculino	Pescar	X	X	-
	Carpintaria	X	-	-
	Desenhar	X	-	-
	Jardinagem	X	-	-
	Modelar barro	x	-	-
	Pastorícia	-	X	Xx
Comuns aos dois sexos	Tocar um instrumento	x	X	X
	Estudar	X	X	X
	Brincar	X	X	X
	Contar contos	x	-	-
	Ida à feira	x	-	-
	Apanhar fruta	x	X	X
	Varrer	x	-	-
	Ler/escrever	x	X	X
	Receber o pai	x	x	

Dado que os manuais únicos, agora alvo do nosso trabalho, foram reeditados e se encontram presentemente à venda, decidimos, a título ilustrativo, incluir apenas quatro imagens, digitalizadas a partir dos livros originais.

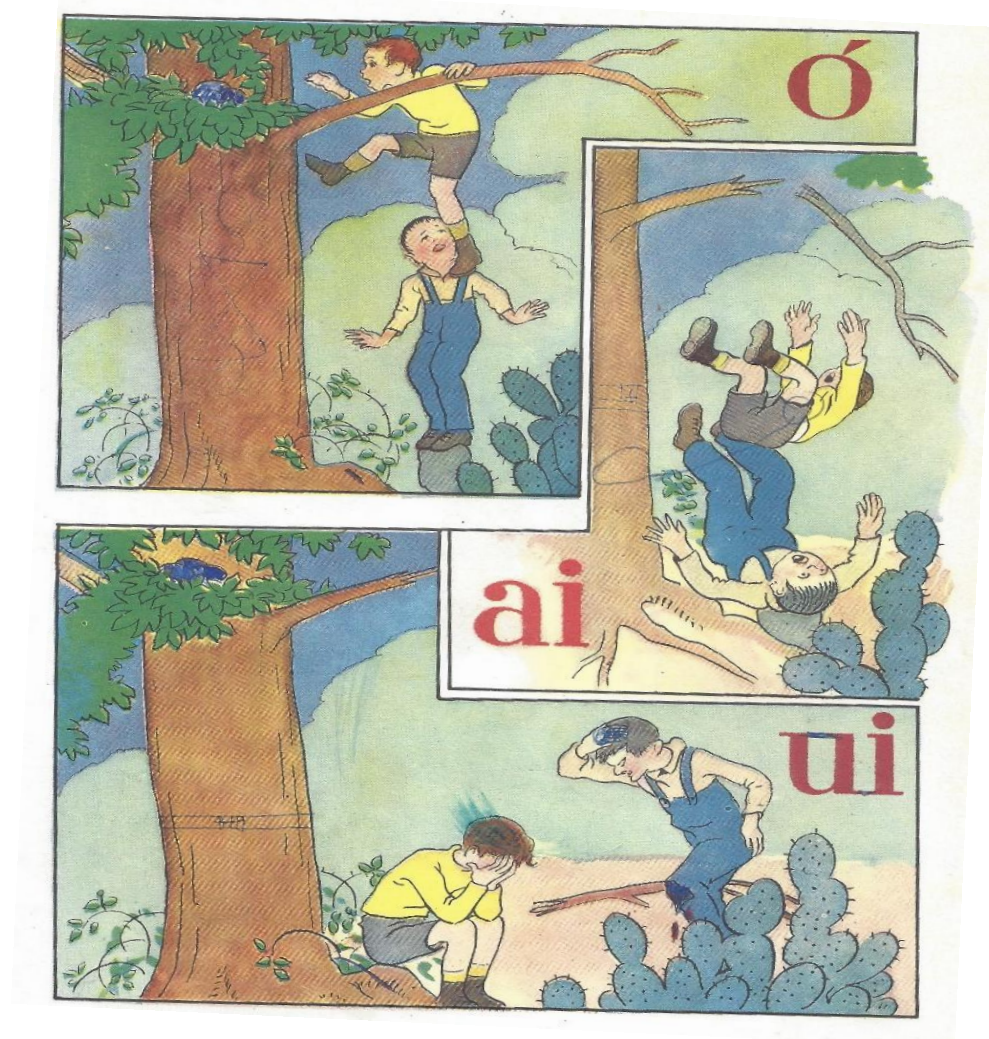
24. Anexo – Imagem da página 23 de *O Livro da Primeira Classe*



25. Anexo – Imagem da página 49 de *O Livro da Primeira Classe*



26. Anexo – Imagem da página 6 de *O Livro da Primeira Classe*



27. Anexo – Imagem das guardas finais de *O Livro da Primeira Classe*

